



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

ANTONIO VICTOR ALMADA CARVALHO

O LEGADO EDUCACIONAL DO PROFESSOR DIAS DA ROCHA
E SUA CONTRIBUIÇÃO AO ACERVO DO MUSEU DO CEARÁ

FORTALEZA

2013

ANTONIO VICTOR ALMADA CARVALHO

O LEGADO EDUCACIONAL DO PROFESSOR DIAS DA ROCHA
E SUA CONTRIBUIÇÃO AO ACERVO DO MUSEU DO CEARÁ

Monografia submetida à aprovação da
Coordenação do Curso de Pedagogia da
Universidade Federal do Ceará/UFC, como
requisito para obtenção do grau de Graduação,
sob a orientação do Professor Dr. Francisco Ari
de Andrade.

FORTALEZA

2013

ANTONIO VICTOR ALMADA CARVALHO

O LEGADO EDUCACIONAL DO PROFESSOR DIAS DA ROCHA
E SUA CONTRIBUIÇÃO AO ACERVO DO MUSEU DO CEARÁ

Monografia como pré-requisito para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, outorgado pela Universidade Federal do Ceará – UFC, tendo sido aprovado pela banca examinadora composta pelos professores.

Data de aprovação: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Ms. Dijane Maria Rocha Victor – UFC

Prof^a Ms. Regina Claudia Oliveira da Silva – CMF

Professor Dr. Francisco Ari de Andrade

Aos meus pais

Francisco das Chagas Carvalho e Bonéa Almada Carvalho,
que buscaram a todo custo me educar da forma mais digna.

Lutaram ao meu lado nos momentos mais difíceis
e vibraram comigo nas vitórias.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida e pelo amparo em minha caminhada.

A meu orientador Professor Dr. Francisco Ari de Andrade que além de ter me mostrado os caminhos para a realização deste trabalho, auxiliou de maneira especial meus pensamentos levando-me a buscar mais conhecimentos. Muito obrigado.

Aos meus pais e meus irmãos, quero agradecer de forma destacada e grandiosa, pois me incentivaram a seguir em frente e concluir mais esta etapa em minha vida.

Aos professores que por cada gota de conhecimento que nos tornaram seres pensantes e críticos, capazes de realizar até mesmo o mais complexo dos projetos.

Aos nossos amigos que deram força nos momentos mais difíceis.

A minha esposa Maria Lili de Oliveira Costa Almada que me apoiou e me amparou em todos os momentos.

A minha filha Isadora Costa Almada que veio ao mundo para alegrar meu coração e me motivar a sempre mais me dedicar em tudo o que faço.

Ao Dr. Zenilo Ronald da Silva Almada Rodrigues por sua enorme contribuição na construção e finalização dessa obra e um agradecimento especial a sua filha Vanessa Férrer Almada de Queirós que foi canal de ligação nesse minha conquista.

A todos que contribuíram de alguma forma para a realização desta monografia.

Embora seja curta a vida que nos é dada pela natureza, é eterna a Memória de uma vida bem empregada.

(Cícero)

RESUMO

Esta pesquisa apresenta o legado educacional deixado por Francisco Dias da Rocha e sua inestimável contribuição na construção do acervo do Museu do Estado do Ceará. A mesma é de natureza qualitativa com procedimentos em pesquisa de campo de caráter exploratório e pesquisa bibliográfica por meio de livros, revistas, artigos científicos entre outros. Sua base de investigação se deu em torno da biografia de Dias da Rocha como professor e naturalista, destacando à sua contribuição ao Museu do Ceará e a importância disso no campo científico e cultural do Estado. Considerando que ele era obstinado pelo estudo da fauna, da flora, das rochas, dos minerais e de todos os artefatos indígenas cearenses e que suas obras tem valor na história do Ceará. Daí a motivação pela pesquisa: preservar a memória do povo cearense sobre a vida e a obra de Dias da Rocha, nosso educador.

Palavras-chave: *Dias da Rocha; Educação; Museu do Ceará.*

ABSTRACT

This research presents the educational legacy left by Francisco Dias da Rocha and his invaluable contribution in the construction of the Museum of the State of Ceará. This research is with qualitative field research procedures in exploratory and literature through books, magazines, papers and more. His basic research revolved around the biography of Dias da Rocha as a teacher and naturalist, emphasizing their contribution to the Museum of Ceará and the importance of it in the scientific and cultural area in the State. Considering he was dogged by studying the local fauna, flora, rocks, minerals and all the Indian artifacts and his works have value in the history of Ceará. Hence the motivation for the research: to preserve the memory of the people of Ceará on the life and work of Dias da Rocha, our educator.

Keywords: *Dias da Rocha; Education; Ceará Museum.*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1º CAPÍTULO: PERFIL BIOGRÁFICO DO PROFESSOR DIAS DA ROCHA	11
1.1 Vocação, Estudos Primários e Secundários	15
1.2 Ingresso no mundo do trabalho	16
1.3 Estudos e Carreira Acadêmica	19
2º CAPÍTULO: A GRANDE DIMENSÃO DO MUSEU ROCHA	24
2.1 Funda�o do Museu Rocha	24
2.2 As cole�es do Museu Rocha	28
2.3 Boletim do Museu Rocha	30
2.4 Identificadores do Patrim�nio do Museu Rocha	31
3º CAPÍTULO: O LEGADO DO PROF. DIAS DA ROCHA NO ACERVO MUSEU DO CEARÁ	33
3.1 Desapropria�o pelo Governo do Estado do Ceará	34
3.2 Escola Normal Justiniano de Serpa, Faculdade de Farmácia e Odontologia e Escola de Agronomia	34
3.3 Museu Histórico do Ceará	35
3.4 Museu Histórico e Antropológico do Ceará	37
3.4.1 Sala da Cidade e Sala das Armas	38
3.4.2 Sala do �ndio, Sala do Vaqueiro e Sala Professor Dias da Rocha	39
3.5 Museu do Ceará	39
3.6 O Resgate da Cole�o de Zoologia	40
3.7 O Acervo de Dias da Rocha no Museu do Ceará	42
CONSIDERA�OES FINAIS	44
REFERÊNCIAS	46
ANEXOS	49
ANEXO A - Professor Dias da Rocha	50
ANEXO B - Av�s e Pais de Francisco Dias da Rocha	51
ANEXO C - Professor Dias da Rocha e Familiares	52
ANEXO D - Residência De Dias Da Rocha	53
ANEXO E - Esposa e Sobrinho-Neto de Dias da Rocha / Aula de Campo	54
ANEXO F - Matérias de Jornais	55

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objetivo principal conhecer o legado cultural, científico e educacional que o Professor Francisco Dias da Rocha deixou, através de suas coleções que foram incorporadas ao acervo do Museu do Estado do Ceará. Do ponto de vista teórico, a motivação para desenvolver a pesquisa partiu de uma inquietação a cerca da memória de acontecimentos, de lugares e de pessoas no Ceará que são pouco valorizados, pois locais históricos já foram destruídos no decorrer dos anos, assim como personalidades e histórias importantes do Estado estão esquecidas.

Segundo Huysen (2000), “um dos fenômenos culturais e políticos mais surpreendentes dos anos recentes é a emergência da memória como uma das preocupações culturais e políticas centrais das sociedades contemporâneas”. Durante a pesquisa foi observado a falta de zelo dos órgãos públicos pelas riquezas culturais e científicas das coleções de Dias da Rocha, assim como pela própria memória deste ilustre cearense que foi pouco valorizado em vida e hoje quase nada se sabe sobre ele.

Este estudo está embasado em autores que relataram e publicaram inúmeros artigos e livros em que o Professor Dias da Rocha, por meio de suas pesquisas e coleções se destaca no meio científico local, nacional e internacional. Almada (2008) trata da vida, carreira e estudos de Dias Rocha; Nomura (1965) se retrata a respeito da fundação do Museu Rocha; Silva Filho e Ramos (2007) visam a fundação e construção do acervo do Museu do Ceará e Telles (2009), foca na coleção Dias da Rocha no Museu do Ceará.

Assim, apesar do Professor Dias da Rocha ser uma personalidade importante na Universidade Federal do Ceará (UFC), como estudioso e professor, pouco se têm escrito a respeito dos feitos e da contribuição que ele deu à comunidade científica cearense, brasileira e mundial. Suas coleções e descobertas científicas foram vendidas e/ou doadas para instituições importantes como o Museu do Ceará, Universidade Federal do Ceará dentre outras.

Além do Professor Dias da Rocha fazer parte da história acadêmica do Ceará, devido às inúmeras contribuições como docente e pesquisador, deixou, também, uma significativa contribuição nas áreas da Farmácia e da Agronomia. Portanto, suas pesquisas nas referidas áreas do conhecimento foram de enorme valia nas ciências e na cultura, em especial com contribuições para o acervo do Museu do Ceará. Sendo assim, Rememorar seus feitos é valorizar a memória de um profissional que enalteceu a docência e a sociedade cearense.

Outra motivação pela pesquisa surge quando em visita ao Museu do Ceará, descobri que minha mãe é prima do sobrinho-neto do Professor Dias da Rocha. Movido por curiosidade, vontade de estudar e de contribuir na revitalização da memória histórica e cultural do professor Francisco Dias da Rocha é que me dispus a fazer um trabalho de conclusão de curso.

Na sociedade, em especial a cearense, a memória é muito desvalorizada. É desvalorizada porque não é percebida como uma atividade essencial para a construção do conhecimento, seja na preservação de objetos históricos, seja na lembrança de pessoas que contribuíram de uma forma significativa para as gerações futuras. No entanto, a memória é “uma atualização do passado ou a presentificação do passado e é também registro do presente para que permaneça como lembrança” (CHAUI, 2003, p. 140).

Tendo em vista o exposto até aqui, a pesquisa deu origem a um trabalho estruturado em introdução, quatro capítulos e bibliografia. A introdução contém a delimitação do tema em estudo, a justificativa e os objetivos gerais e específicos. O primeiro capítulo apresenta o perfil biográfico do Professor Dias da Rocha, sendo retratado como seu pai português se estabeleceu no Ceará e constituiu família e comércio nestas terras. Abordamos como se deu o gosto pelas ciências naturais que de um passatempo passou para trabalho científico levando-o a se tornar conhecido dentro em nível nacional e internacional e, posteriormente professor nas Faculdades de Farmácia e Agronomia.

O segundo capítulo apresenta a criação do Museu Rocha, com vistas a mostrar como foi possível fundar um museu sem a ajuda de órgãos fomentos, bem como reuniu tantas coleções, tornando-a uma referência na comunidade científica mundial. No terceiro capítulo apresenta como as coleções de Dias da Rocha foram vendidas e divididas pelo Governo do Estado do Ceará entre vários órgãos públicos, sendo posteriormente resgatadas e direcionadas ao Museu do Ceará, que hoje mantém guarda de tais raridades. Por fim, expomos nossas considerações finais acerca dos achados da pesquisa, além das recomendações ou sugestões para trabalhos posteriores e de comentários a respeito das limitações e abrangências deste estudo.

A grande importância desse estudo é de conscientizar as pessoas sobre a história de vários intelectuais que deram a vida para que a cultura cearense e suas peculiaridades fossem conhecidas e admiradas no Brasil e no Mundo. A história de Francisco Dias da Rocha reflete o amor e o cuidado de uma personalidade que deu tudo que tinha para que seu legado fosse mantido em solo cearense.

1º CAPÍTULO: PERFIL BIOGRÁFICO DO PROFESSOR DIAS DA ROCHA

Francisco Dias da Rocha ou “Yoyô”, como era carinhosamente chamado em família, nasceu em Fortaleza no dia 23 de agosto de 1869, na Rua Amélia, hoje Senador Pompeu, nº 505, em frente ao prédio onde funcionou a imprensa Oficial, hoje SEFAZ – Secretaria da Fazenda, esquina da Rua Senador Castro e Silva, antes Travessa das Flores / Rua Manoel Bezerra, próximo à Santa Casa de Misericórdia, à Cadeia Pública e à Estação Central João Felipe.

Era Filho do negociante português Joaquim Dias da Rocha e de Francisca de Paula Dias da Rocha. Joaquim, seu pai, nasceu na cidade de Lamêgo em Portugal. Em sua juventude decidiu largar os estudos e vir ao Brasil movido por um grande desejo de conseguir fortuna, constituir família e de criar raízes, pois acreditava que este país era promissor. Ele não quis seguir as pegadas de seu pai Dr. Maximiniano Dias da Rocha (avô de Francisco Dias da Rocha), bacharel em Direito, que exerceu a cátedra de latim e filosofia na Universidade do Porto e posteriormente diretor do Colégio Formiga, na cidade do Porto¹.

Chegou no Brasil em 1861, precisamente no Ceará, teve seus primeiros passos na vida comercial na cidade de Maranguape, mas logo se transferiu para trabalhar em um negócio próprio, onde teve início o crescimento econômico na cidade de Fortaleza. Conheceu Francisca de Paula, nascida na cidade de Maranguape, que tinha na época 14 anos e com quem casou e residiu na Rua Amélia, onde nasceram os primeiros filhos.

Além de Francisco Dias da Rocha, nasceram Alena Dias da Rocha, Joaquim Dias da Rocha (Quincas), Victória Dias da Rocha, Alice Dias da Rocha, Maria Dias da Rocha, Joaquina Dias da Rochas (Quinota), João Dias da Rocha, José Dias da Rocha, Cecília Dias da Rocha, Maximiniano Dias da Rocha e Eurico Dias da Rocha².

De acordo com Almada (2008, p.127), Joaquim não teve muita atuação política a não ser como abolicionista, pois fazia parte no Partido Libertador ao qual se filiaram os

¹ ALMADA, Zenilo. *Dias da Rocha: Origem, vida e obra*. Fortaleza, CE: Ed. Expressão Gráfica, 2008. p. 108 e 109.

² ALMADA, 2008. p. 133.

portugueses residentes na cidade de Fortaleza. O mesmo faleceu no dia 23 de maio de 1900 acometido de uremia³.

O Professor Dias da Rocha casou-se duas vezes. A sua primeira esposa chamava-se Leopoldina Caracas (Dona Lezinha), descendente de uma ilustre família da serra do Baturité. Com ela teve quatro filhos. José Euclides Caracas, Joaquim Hélio Caracas, Lauro Aluísio Caracas e Francisco Nelson Caracas. Após o nascimento de seu quarto filho, a união foi dissolvida e dona Lezinha e os filhos retornaram para a serra de Baturité⁴. Segundo Nomura (1965, p.242), “os filhos do casal jamais usaram o nome paterno; ademais os filhos foram afastados do pai durante muito tempo”.

A segunda esposa foi Gualterina Campos de Alencar (Dona Yáyá) com a qual viveu 42 anos. Tiveram uma única filha Maria das Dores, que faleceu 40 minutos após o nascimento. Contudo, a falta dos filhos do outro casamento foi compensada com a chegada do sobrinho-neto adolescente Zenilo Ronald Almada, que foi acolhido carinhosamente pelo casal em sua residência⁵. Zenilo Almada hoje é um reconhecido advogado, escritor e entusiasta divulgador da obra de Dias da Rocha.

De acordo com Almada (2008, p.193), o professor Dias da Rocha era uma pessoa séria, mas não sisudo, antipático. Evitava participar de fatos que pudessem vir a emocioná-lo, sem que pudesse chegar com sua inesgotável assistência filantrópica. Pessoa de bons costumes e metódico em seus hábitos, sendo comedido e obediente aos horários.

Segundo conta, Dias da Rocha tinha um grande ciúme de seus pertences, nunca emprestava seus livros, porém, fazia exceção a apenas três pessoas: o Prof. Renato Braga, o Prof. Américo Gomes da Silva e o Dr. Rui Simões de Menezes. Ele não escrevia muito bem em português, mas redigia o inglês com bastante segurança, pois foi responsável por muitos anos pela correspondência de sua casa comercial, feita especialmente com a Inglaterra que naquela época era a senhora do comércio dos países Europeus e dos Estados Unidos⁶.

³ Uremia significa elevação de ureia no sangue, surgindo quando há comprometimento da capacidade do sistema renal de depurar o sangue dos produtos nitrogenados. Certidão de óbito de Joaquim Dias da Rocha – às fls. 133v. sob o nº de ordem 469 do Cartório João de Deus, assinado pelo médico A. Augusto de Menezes.

⁴ TELLES, Felipe Bottona da Silva; BORGES-NOJOSA, Diva Maria. *A Coleção Dias da Rocha no museu do Ceará*. Fortaleza, Museu do Ceará, 2009. p. 30 e 31.

⁵ TELLES; BORGES-NOJOSA, 2009. p. 31.

⁶ NOMURA, Hitoshi. *Revista do Instituto do Ceará - Um Grande Naturalista Cearense: Francisco Dias da Rocha*. Fortaleza, CE: Instituto do Ceará, 1965. p. 241.

Jamais se aventurou a ir além da serra de Baturité, devido as suas atividades científicas e profissionais ficarem em Fortaleza e em demais localidades vizinhas. Quando encontrava com alguém do interior do Ceará, conversava longamente buscando saber sobre as plantas e seus usos medicinais. Se soubesse da existência, no interior cearense, de alguma planta que não havia em Fortaleza, imediatamente entrava em contato com alguma pessoa conhecida da região e requisitava uma remessa de folhas, flores e frutos para poder classificá-la cientificamente⁷.

Tinha vida muito metódica tanto no campo profissional como no particular. Acordava sempre entre às 4:30 e 5:00 horas da manhã e fazia suas primeiras orações. Tomava café entre às 6:00 horas e às 6:30 horas. Dirigia-se ao jardim para observar o desenvolvimento de suas plantas e flores. Entrava no seu gabinete às 8:00 horas para por em dia a sua correspondência. Lia jornais e examinava documentos que precisasse organizar⁸.

Almoçava às 9:00 horas, ao toque da sineta. Após a refeição ministrava suas aulas nas Escolas de Agronomia e Farmácia do Ceará. Após a aposentadoria dedicava parte do tempo para ler livros e sua correspondência, receber amigos em sua residência, ir à cidade para resolver pequenos negócios e rever os amigos e comparecer às sessões do Instituto do Ceará, do qual era membro afetivo⁹.

Jantava em torno de 14:30 às 15:00 horas, mas nunca convidava ninguém para partilhar às refeições e quando alguém chegava no horário do almoço dizia para vir mais tarde, porque ia almoçar. Aquele ritmo só era modificado quando havia alguma solenidade na qual iria participar¹⁰. No intervalo das 15 às 17 horas estudava, preparava aulas, recebia visitas, ia ao comércio, tudo isso previamente programado.

Após a aposentadoria, costumava aproveitar as tardes para ir à Farmácia Santa Helena, na rua Guilherme Rocha, onde trabalhava como farmacêutico. Após o expediente, às 17:00 horas, atendia gratuitamente os pobres em seu consultório que ficava em sua residência na Rua 24 de Maio, 214, onde morou por mais de 60 anos. Além de receitar, ajudava muitas vezes na compra das homeopáticas, “curvando-se sobre os livros em busca de dosagens de Aconitum ou Beladonna, deixando os pacientes entregues à certeza de que o professor estava

⁷ NOMURA, 1965. p.241.

⁸ ALMADA, 2008. p.193 e 194.

⁹ ALMADA, Zenilo. Em homenagem ao cientista Dias da Rocha. Fortaleza: Rev. Inst. Ceará, 1993. p.305.

¹⁰ ROCHA, Francisco Dias da. *Diário de um Naturalista*. 1935. p.2 (datilografado).

falando com os espíritos” (ALMADA, 2008 p.281), devido ele balbuciar o nome dos ingredientes ao procurar as dosagens dos remédios.

Dias da Rocha dedicou grande parte de sua pesquisa à fitoterapia prescreveu em suas receitas, principalmente, chás de plantas medicinais regionais. No entanto, tenha dedicado muitos anos ao exercício da homeopatia e da fitoterapia, não encontrei nenhum registro que permitisse confirmar estatisticamente a eficácia dos tratamentos feitos com plantas em seus pacientes.

De acordo com Almada (2008, p.281), acompanhava diariamente o programa de rádio “Terço em Família” às seis horas da tarde. Apesar de ser Maçon, o referido professor era devoto de Nossa Senhora de Fátima. Foi batizado na Igreja da Sé (Catedral) e tinha o hábito de visitar a dita Igreja pelo menos uma vez por semana, pois no local havia uma imagem de Nossa Senhora das Dores, também de sua devoção¹¹. A partir das oito horas da noite, fechava as portas de sua casa e sem nenhuma cerimônia se estivesse com visita, pedia para que fosse embora, porque já estava na hora de dormir.¹²

Apesar de encontrar informações de sua vida maçônica, não foi possível precisar a data e a Loja do ingresso de Dias da Rocha na Maçonaria. Em família citava nome de alguns amigos, dentre eles os médicos Antônio Justa, Álvaro Otacílio Nogueira Fernandes, Teófilo Cordeiro, Francisco Sabóia, Farias Brito, Gotran Nascimento, o que dá-nos certa impressão de pertencer à mesma Loja Liberdade IV¹³.

Ele doou um terreno na Avenida Imperador para a construção da Loja maçônica de Porangaba. Este templo foi posteriormente rebatizado como Loja Francisco Dias da Rocha em 1993. Dias da Rocha foi Grão-Mestre jubilado (Grau 33) da Maçonaria.

O Professor Dias da Rocha faleceu, aos 91 anos, no dia 26 de julho de 1960, às 11 horas. Até o fim de sua vida, desempenhou com lucidez o que mais amava fazer: pesquisa e estudos científicos¹⁴.

¹¹ A imagem de Nossa Senhora das Dores foi transferida para a Igreja do Rosário, onde até hoje permanece no altar que lhe é reservado, à esquerda de quem adentra à Igreja. Essa imagem foi restaurada (no ano de 2004) por processo científico e teve várias camadas removidas chegando à pintura original em ouro que remonta ao século XVIII.

¹² ALMADA, Zenilo. *Discurso no 125º aniversário de nascimento do Prof. Francisco Dias da Rocha*. Fortaleza: Rev. Acad. Cear. Farm., 1996.

¹³ ALMADA, 1993. p.304.

¹⁴ TELLES, Felipe Bottona da Silva; BORGES-NOJOSA, Diva Maria. *A Coleção Dias da Rocha no museu do Ceará*. Fortaleza: Museu do Ceará, 2009. p.35.

Segundo Almada (2008), Dias da Rocha deixou uma valiosa e inestimável folha de serviços prestados na área das ciências naturais e na cultura do Estado do Ceará, tornando-se mundialmente conhecido e foi Sepultado no Cemitério São João Batista¹⁵.

Vivendo modesta e silenciosamente, distante do bulício do mundo, pôde Dias da Rocha legar à posteridade uma grande obra científica, aliás, já elogiosamente apreciada pelos sábios nacionais e estrangeiros com os quais ele manteve correspondência epistolar durante longos anos. (ANÔNIMO, 1960, p. 403)

O grande naturalista foi homenageado devido aos seus méritos como cientista de vários modos: O Centro Acadêmico da Faculdade de Agronomia do Ceará foi batizado de Dias da Rocha. Colocaram uma Herma de Dias da Rocha no pátio da Escola de Agronomia do Ceará. A Rua Havaí se tornou a Rua Professor Dias da Rocha graças a Raimundo Girão que era secretário da prefeitura e sugeriu a mudança na Câmara dos Vereadores. Tornou-se Patrono da Cadeira 32 do Instituto do Ceará, Histórico, Geográfico e Antropológico. Tornou-se Patrono da Cadeira 12, da Academia Cearense de Farmácia. A Academia Cearense de Farmácia nomeou a biblioteca da faculdade com o nome do naturalista.

De acordo com Paiva (2001 p.26), o Professor Dias da Rocha dedicou toda a sua vida ao estudo das ciências da natureza, sem preocupações econômicas, tanto que a pobreza se assolou no seus últimos anos de vida. Até poderia ter sido um comerciante rico, mas preferiu a condição de cientista, a serviço do povo cearense e da humanidade.

1.1 Vocação, Estudos Primários e Secundários

Os grandes ensinamentos na área medicinal de Dias da Rocha foram influenciados por sua avó, a ex-professora primária Cosma Rufina de Pontes, que morreu com quase 100 anos. Almada (2005) afirma que ela era uma pessoa muito determinada, de bons conhecimentos da flora cearense e, acima de tudo, sensivelmente orientada e com muita intuição na preparação de remédios caseiros, utilizando-se de plantas medicinais¹⁶.

Na condição de primeiro neto de uma única filha, Dias da Rocha teve todos as atenções e cuidados que uma avó pode dar. Assim, Dona Cosminha transmitiu os ensinamentos medicinais usados naquela época motivando a grande inspiração que o levou ao

¹⁵ ALMADA, 2008. p.179.

¹⁶ ALMADA, Zenilo. *O Bomde e outras reordações*. Fortaleza: Expressão Grafica e Editora, 2005. p.170.

estudo da farmácia ao mesmo tempo, da botânica aplicada à farmácia, utilizando as plantas nativas cultivadas no Ceará. Os conhecimentos trazidos por seus antepassados engrandeceram os conhecimentos científicos e unidos a uma grande intuição no desenvolvimento do aprendizado da medicina homeopata.

Começou seus estudos, com 11 anos, em 1880, nos Colégios São José e Atheneu Cearense, mas teve que suspender seus estudos em 1886. O Atheneu Cearense, que surgiu em 1863, foi o mais importante estabelecimento de ensino particular da capital, onde foram instruídos boa parte das famílias médias e ricas, as quais ocuparam cargos importantes do Estado. O mesmo alocava-se na atual Praça do Ferreira e funcionou até fechar na Rua Formosa nº 80, rua onde também funcionou o Colégio São José fundado em 1870. Manoel Theophilo da Costa Mendes foi diretor desse importante estabelecimento. Durante a direção dele fundaram-se no colégio varias associações como A Libertadora (1869) e o Recreio Instructivo, e vários jornaizinhos, entre eles o do próprio colégio.

Desde tenra idade Dias da Rocha era interessado na área das Ciências Naturais. Curiosamente aos 15 anos, colecionava conchas, que já era o embrião do que um dia viria a ser um museu de ciências naturais, com peças pacientemente coletadas na areia das praias de Fortaleza¹⁷. A atividade de colecionar poderia parecer uma brincadeira para aqueles que conviviam próximo a ele, mas que aos poucos trazia a mente do jovem uma fixação inexplicável nas áreas das ciências. Era dotado de uma observação muito aguçada aliada à premonição sensitiva, o que se tornou um diferencial no campo da pesquisa científica.

1.2 Ingresso no mundo do trabalho

O jovem Dias da Rocha trabalhava como caixeiro (balconista) no estabelecimento de seu pai e chamou a atenção do naturalista, historiógrafo e poeta Antônio Bezerra de Menezes, que visitava periodicamente seu camarada e colaborador do Libertador, Joaquim Dias da Rocha em seu estabelecimento comercial no ano de 1884. Em suas visitas observava que o caixeirinho diversas vezes se ausentava durante o serviço do armazém para apanhar besouros e aranhas no córtex das arvores do quintal, e nas paredes da casa e percebeu que o jovem consultava um folheto de Zoologia¹⁸.

¹⁷ LEAL, Ângela Barros. *O Pioneiro da História do Ceará: Vida & Arte*. Fortaleza, CE: Jornal O Povo, 1990.

¹⁸ MENEZES, Antônio Bezerra. *Carta In Boletim do Museu Rocha*, 1 (1), 1908. p. vii-xi.

Sempre que visitava seu amigo, aquele caixeirinho que mal conhecia a língua portuguesa o importunava com questionamentos relacionados às ciências naturais. Bezerra de Menezes chegou a emprestar vários livros e até vendeu a Dias da Rocha o Musée entomologique illustré, que era uma obra em três grandes volumes, que tratava da organização, dos costumes, de caça, das coleções e classificações dos insetos¹⁹.

No ano de 1889, o caixeiro, já com 20 anos, foi perdido de vista e cinco anos depois Bezerra de Menezes o reencontrou com os estudos bastante adiantados nas áreas das Ciências Naturais. Já manejava regularmente o português, e progredia significativamente nas línguas inglesa e francesa.

O caixeirinho ia pouco a pouco se transformando no homem que de bem cedo mostrara ter força de vontade, revelara grande energia de caráter, e, que na realização dos seus planos, soubera preservar com uma tenacidade inimitável, resistindo a todas as dificuldades, e, domando todos os obstáculos (MENEZES, 1908).

Dias da Rocha suspendeu seus estudos para dar um passeio na Europa em 1886. Viajou “especialmente para conhecer seus avós, tios e parentes em Portugal, regressando somente no ano seguinte”.²⁰ Na verdade seu pai Joaquim estava com saudade dos seus pais e irmãos, que apesar de estar distante nutria um profundo amor por sua pátria.

De acordo com Almada, Joaquim Dias da Rocha,

em 1886, embarcava com destino a Portugal para realizar a dupla satisfação de rever seus inesquecíveis pais e apresentar-lhes o varão primogênito luso-brasileiro, Francisco Dias da Rocha, que se tornou desde logo o mais ardente e incondicionado admirador de Portugal. (ALMADA, 2008, p.126)

O Dr. Maximiliano Dias da Rocha era um famoso catedrático da Universidade do Porto que despertou em seu neto Francisco Dias da Rocha a ideia de fazer seus preparatórios naquele país. Ele tinha o interesse de seguir a carreira médica em Portugal e desejava matricular-se na Escola Médico-Cirúrgica, pois tinha parentes bem conceituados na sociedade do Porto. Após seis meses seu pai teve de regressar inesperadamente, pois foi “chamado com urgência para tratar dos seus negócios, que estavam aos cuidados de mãos pouco hábeis”²¹.

O jovem Dias da Rocha foi aconselhado e convencido por seu pai a seguir os negócios no estabelecimento comercial Dias da Rocha & Cia, deixando assim para traz o sonho de se

¹⁹ MENEZES, 1908. p. vii-xi.

²⁰ ALMADA, 2008. p.185.

²¹ NOMURA, 1965. p.225.

tornar médico. O estabelecimento situava-se na Rua Major Facundo nº 223, antiga Rua da Palma, esquina com a Rua Senador Alencar, onde hoje se encontra o Edifício Jangada, antiga Travessa das Hortas²².

Ciente das conquistas de seu pai no Ceará, tanto que fazia parte na sociedade na empresa de secos e molhados que importava produtos da Europa, onde “trabalhou com a venda de bacalhau português, passas europeias, cadeiras austríacas, anquinhas da França”²³. Mesmo sem vocação alguma para a vida no comércio, Em seguida assumiu o estabelecimento comercial de seu pai e dedicou-se nas horas vagas aos estudos das Ciências Naturais.

De acordo com Almada (2008), Dias da Rocha iniciou seus estudos de botânica classificando e comparando suas classificações à de outros estudiosos, chegando a determinar outras espécies firmando-se dentre os principais botânicos do Brasil, notadamente no estudo das plantas regionais²⁴. Iniciou a aquisição de espécimes da fauna e flora cearenses, em sua própria residência, uma casa de esquina na Avenida Tristão Gonçalves (antiga Rua do Trilho) com Rua São Paulo, com o consentimento de seu pai. Seu tio Cônego Fafe, da cidade do Porto, Portugal, foi um grande incentivador e possuía uma imensa coleção de conchas e moluscos.

Dias da Rocha começava a assumir aos poucos os negócios de sua família, pois a vida comercial de Joaquim Dias da Rocha foi interrompida entre os anos de 1895 e 1900, quando encerrou seus negócios em seu estabelecimento comercial, passando a sobreviver de suas rendas em virtude do seu estado de saúde não permitir a continuidade no comércio, embora não estivesse velho para se aposentar de suas atividades comerciais²⁵. Quando seu pai adoeceu, ele se viu na obrigação de assumir os negócios da casa comercial paterna. “Morrendo-lhe o progenitor, tornou-se comerciante de fato, com a responsabilidade de chefe de família, por ser o seu filho mais velho”.²⁶

Segundo Matos (1997, p.20), Dias da Rocha continuava intensificando, mesmo após a morte de seu pai, a se dedicar as leituras de publicações científicas sobre Ciências Naturais e à coleta e aquisição de exemplares da flora, fauna, rocha, minerais e peças indígenas cearenses.

²² ALMADA, 2008. p.185.

²³ LEAL, 1990.

²⁴ ALMADA, 2008. p.187.

²⁵ ALMADA, 2008. p.127.

²⁶ MATOS, F. J. de Abreu. *Escola Superior de Agricultura de Mossoró. O Formulário Fitoterápico do Professor Dias da Rocha*. [Mossoro, RN]: ESAM/Fundação Guimarães Duque, 1997. p.20.

Aos 29 anos, decidiu largar, em definitivo, o comércio para dedicar-se inteiramente as Ciências Naturais.

Francisco Dias da Rocha fundou o *Museu Rocha* oficialmente no ano de 1903 e com suas coleções e pesquisas tornou-se um grande personagem da área científica mundial. O modesto criador do Museu Rocha, que o fizera conhecido do mundo científico, foi um pioneiro do reconhecimento dos recursos naturais da terra cearense, reconstituído em seu museu todas as fases da História Natural.

Dias da Rocha, que reconstituiu ontogenicamente todas as fases da história natural na edificação paciente do museu de seu nome, legou-nos os conhecimentos de sua especialidade pelo tato e pelo cheiro de pedras, plantas, animais, doenças e com a mistura atordoante de seus longos sorrisos, a moderação e o retraimento no discorrer e a inefabilidade no reconhecimento de parasitas. (ALMADA, 2008 p.328)

Mesmo como grande conhecedor e naturalista das mais variadas espécies da flora cearense na fitoterapia e homoterapia. A rica fauna cearense não tinha sido foco de estudo de nenhum estudioso, mas ele foi o pioneiro em pesquisa-la com a intenção de conhecer e reproduzir em seu museu todas as espécies da fauna do Estado. De acordo com Telles et al (2009),

A partir do interesse do cearense naturalista autodidata Francisco Dias da Rocha, também farmacêutico e professor, esta passou a ser observada estudada e coligida. Provavelmente este foi o primeiro pesquisador da fauna cearense a se dedicar à coleta, preservação de espécimes, identificação e catalogação de uma coleção de cunho científico no estado, que abrangesse todos os grandes grupos de animais.

1.3 Estudos e Carreira Acadêmica

O vasto conhecimento, na área das ciências naturais e o prestígio científico que tinha no Estado, levou Dias da Rocha, mesmo sem ter título acadêmico, a ser convidado a fazer parte do corpo docente da Faculdade de Farmácia e Odontologia do Ceará, em 1916, quando ainda em implantação. Nesta foi ao mesmo tempo professor e aluno, pois se matriculou no curso de Farmácia, colando grau após a conclusão do curso da primeira turma²⁷. O ato de ser professor e aluno mostrou a personalidade impaciente deste pesquisador, que mesmo

²⁷ NOMURA, 1965. p..225.

possuindo conhecimento suficiente para apenas lecionar, não se acomodava nessa condição, revelando humildade e simplicidade, e buscando sempre aprender mais²⁸.

A Escola de Farmácia funcionou inicialmente em um casarão, na Rua Barão do Rio Branco, antiga Rua Formosa, entre as Ruas Pedro Pereira e Pedro I. Ocupou a cadeira nº 11, do Instituto do Ceará, desde 20.03.1944 e foi patrono da cadeira ocupada pelo Dr. Osvaldo Riedel, na Academia de Farmácia.²⁹ Tornou-se professor catedrático de História Natural por esta referida faculdade.

O Professor Dias da Rocha “junto a outros ilustres graduados nas diversas áreas, fundaram a Escola de Agronomia do Ceará em 1918, da qual foi diretor e professor” (ALMADA, 2008), em 30 de março de 1918 e foi, também, engenheiro-agrônomo Honoris Causa por esta referida escola. A Escola de Agronomia do Ceará no seu início era uma faculdade particular, mas somente em 1935 passou a pertencer ao Estado do Ceará. No ano de 1950 foi federalizada pelo Ministério da Agricultura e em 1954, incorporada à Universidade Federal do Ceará – UFC.

De acordo com Nomura (1965), nesta referida faculdade, ele fez parte do corpo docente e lecionou Botânica Agrícola, Zoologia Agrícola, Entomologia e Parasitologia Agrícolas (Fitopatologia); tornou-se catedrático de Botânica Agrícola em 1928, por decisão unânime da Congregação da faculdade, cargo no qual se aposentou.

Em 1919, Dias da Rocha publicou a primeira edição de terapêutica indígena com o nome de Botânica Medica Cearense, contendo 166 espécies nativas. O livro é um estudo sobre a matéria médica vegetal brasileira limitada a uma pequena região do país.³⁰ Esse livro era conhecido pelos estudantes de agronomia do Ceará como o “catecismo” de Dias da Rocha. Em 1921 o Professor Dias da Rocha colaborou com o Prof. Joaquim da Costa Nogueira na redação de um livro escolar, na parte referente à Zoologia e em 1922 publicou um trabalho sobre “Albinismo, melanismo e cromismo no Ceará”, relatando casos de seres humanos portadores desse distúrbio congênito encontrados por ele no Estado do Ceará.

Os discípulos do Professor Dias da Rocha o relatavam que como homem tinha grande dificuldade de expressão, dando a impressão, que pouco sabia, por isso tinha pouco poder de

²⁸ TELLES; BORGES-NOJOSA, 2009. p.30.

²⁹ ALMADA, 2008. p.175.

³⁰ HOEHNE, Frederico Carlos. Bibliografia Botânica. Rev. Mus. Paul., São Paulo 11, 1919. p.634.

convencimento. Mas aos poucos eles iam percebendo e testificando o vasto conhecimento que ele tinha nas áreas das ciências naturais, como afirma Almada (2008 p.214),

Do seu grande saber, tinha por vezes, certo retraimento ao transmitir seus conhecimentos, movido pela timidez e humildade próprias dos seres de elevado espírito, julgando o interlocutor no mesmo plano de conhecimentos, embora estivesse sempre imerso nas ciências naturais.

De acordo com Nomura (1965), o Dr. Rui Simões de Menezes que foi aluno de Dias da Rocha afirma que a disciplina de Botânica Agrícola era considerada inútil por vários alunos do curso de agronomia em 1964, mesmo sendo uma matéria importantíssima para a profissão de engenheiro agrônomo. O despreço dos alunos pela disciplina, de 1919 a 1937, na época em que o Professor Dias da Rocha lecionou era pior. Dr. Rui quando aluno, chegou em uma aula a atrapalhar o assunto lecionado pelo mestre, fazendo com que outro aluno o respondesse de forma que o tirasse do sério, gerando um desconforto que fez com que o Professor abandonasse a aula bastante irritado. Isso gerou um remorso que aos poucos foi melhorando, pois se tornou um grande amigo e ganhou vários livros de sua biblioteca pessoal³¹.

“O inolvidável naturalista tinha sua cátedra como um grande sonho, onde através dela pôde espargir os seus conhecimentos, mostrando a necessidade de preservação da natureza, este bem legado ao homem, indispensável à sua saúde e à sua vida” (SOUSA, 1996 p.120). Ensinar o realizava plenamente, pois tinha o prazer de transmitir o que aprendeu em anos de estudos e sempre preocupado com o cuidado que as pessoas deveriam ter com a natureza. Realizou frequentes excursões com seus alunos pelos entornos da cidade de Fortaleza e obrigou os alunos da Escola de Agronomia a fazer um pequeno herbário, com certo numero de exemplares que cada qual tinha de classificar.

Publicou, também em 1921, um folheto com observações de caráter botânico, zoológico, geológico e pré-histórico feitas em uma excursão científica na cidade de Baturité, com o título: a Excursão Científica do Prof. Dias da Rocha, com seus alunos à cidade de Baturité com apontamentos naturalísticos da região percorrida, abrangendo a zoologia, phytologia, geologia, climatologia, e a prehistoria³².

O professor Dias da Rocha não aceitava que alguém saísse de seu gabinete com uma indagação qualquer, sem colher resposta a curiosidade.

³¹ NOMURA, 1965. p.241-243.

³² TELLES; BORGES-NOJOSA, 2009. p.28.

Porém os que dele se aproximavam e conseguiam vencer a natural reerva, um tanto vaidoso, verificavam com surpresa que ele conhecia a fundo a fauna e a flora local. Tinha um espírito de observação aguçadíssimo. Nada lhe escapava no campo, no setor da sistemática, possuía uma verdadeira intuição (ALMADA, 2008 p.250-251).

Já em 1936, Dias da Rocha publicou a sua “Botânica Agrícola”, Com a intenção de auxiliar aos estudantes de agronomia que iniciavam o estudo da Botânica Sistemática, não estando ao alcance de muitos a aquisição de livros didáticos sobre a matéria.³³ Em 1939 surgiu a sua “Aviária Cearense”, que tratava das aves do Ceará que temos determinadas até hoje.

Em 1937, Dias da Rocha aos 68 anos de idade foi homenageado pelo Diretório Acadêmico da Escola de Agronomia e foi fixada uma placa de bronze na fachada do Departamento de Biologia da referida Escola.³⁴ Jamais faltou a uma aula ou deixou de comparecer a uma reunião de qualquer das congregações das duas escolas. Também foi diretor das duas faculdades e trabalhou até completar a idade compulsória de 70 anos.

Em 1945 publicou o Formulário Terapêutico das Plantas Mediciniais Cearense, Nativas e Cultivadas, enumerando 421 espécies nativas e 70 cultivadas, sendo considerado o mais completo conjunto de informações sobre o emprego terapêutico de plantas medicinais no Nordeste³⁵. O naturalista publicou, em 1945, a obra “Mamália Cearense” que aborda os mamíferos existentes no Ceará. No ano de 1946 ele passou a publicar pela Revista do Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico), publicando o “Subsidio Para o Estudo da Flora Cearense”, fornecendo tanto a nomenclatura científica quanto a denominação vulgar das plantas do Ceará.

Próximo aos 90 anos, obstinado pelas ciências naturais, ainda pesquisou e se comunicou com colegas do Brasil e de outros países. Segundo Andrade (1969), Dias da Rocha escreveu e recebeu

cartas travando relações amistosas com os naturalistas mais afamados na Europa e nos Estados Unidos. Entende-se habitualmente com todos eles. Suas Relações eram mais amistosas com H. Von Ihering, A. Lutz Herman Christ, Augusto Forel, na Suíça, Prof. Hennings de Berlim, Howard, Coquellet, Pergand e Ashmead, de Washington, a Fauvel e Grouvelle, de França.

³³ DIAS, Francisco Dias da. *Botânica Agrícola*. Fortaleza. 1936. p I.

³⁴ ANÔNIMO. Justa Homenagem, Nordeste Agrícola. Fortaleza, 3 (3), 1957. p.189-190.

³⁵ ALMADA, 2008. p.208)

O Professor Dias da Rocha foi “membro do Conselho Diretor do Instituto Pasteur, membro da Seismological Society of America, sócio-numerário fundador da Sociedad Entomologica de España, sócio do Instituto do Ceará”³⁶ e foi sócio de muitas sociedades científicas estrangeiras. Ele recebeu homenagens de alguns colaboradores nas descrições de novas espécies.

Pertenceu a várias sociedades científicas da França, da Inglaterra, da Alemanha, da Holanda, da Espanha, de Portugal e dos Estados Unidos. Mantinha correspondência com os principais museus da Europa e da América e recebia elogios dos mais destacados naturalistas do mundo, recebendo a classificação do material que lhes remetia, numeroso, ordenado, de qualquer desses reinos naturais.³⁷

Dedicou-se definitivamente por um mundo mental inteiramente diferente daquele que viviam mergulhados os seus companheiros de época, firma entre nós uma espécie de consulado dos interesses internacionais da ciência dos reinos da natureza³⁸. Após sua morte, dois trabalhos inéditos dele foram encontrados, mas não foram publicados: O Diário de um naturalista (datilografado) e os Costumes funerários dos primeiros cearenses (manuscrito).

³⁶ NOMURA, 1965. p.244.

³⁷ SILVA, Américo Gomes da. *Dias da Rocha. Informativo - Sociedade Cearense de Agronomia*. Ano: I, 1968.

³⁸ ANDRADE, Francisco Alves de. *O Centenário de Dias da Rocha*. Fortaleza, CE: Jornal Correio do Ceará. Ed. 02, 1969.

2º CAPÍTULO: A GRANDE DIMENSÃO DO MUSEU ROCHA

O interesse por coletar e guardar conchas e insetos já vinha desde quando tinha em torno de quinze anos de idade. O jovem Dias da Rocha não tinha a área das ciências naturais como um passatempo próprio da idade, pois mesmo sem muito conhecimento, ele se esmerilhava nos estudos nos poucos livros que tinha ou naqueles que pedia emprestado.

Após passar uma temporada na Europa, em 1886, mas especificamente em Portugal, conheceu seu tio, o Cônego Fafe, que morava na cidade do Porto. Este foi um grande incentivador de suas pesquisas, estudos, e que possuía uma vasta coleção de conchas e moluscos. Ele não tinha a dimensão do que suas coleções seriam no futuro, pois era apenas curioso e aficionado em tudo que se relacionava com a natureza.

Trabalhar na área comercial causava constrangimento à Dias da Rocha, pois não tinha vocação³⁹, mas, foi convencido a voltar da Europa para assumir a participação na sociedade com seu pai de uma empresa chamada de Dias da Rocha & Cia, que era um estabelecimento comercial de secos e molhados. Deixou o comércio após a morte de seu pai e entregou-se completamente aos estudos das ciências e ao ampliar suas coleções, decidiu organizar um museu a qual deu o nome de “Museu Rocha”⁴⁰.

2.1 Fundação do Museu Rocha

A aquisição e coleta de materiais que fez parte do Museu Rocha foi iniciada no ano de 1884, antes de sua fundação que ocorreu em 1903. Como Dias da Rocha tinha apenas quinze anos, não tinha intenção de construir um museu que pudesse melhorar a área educacional e cultural do Ceará. Tinha fixação pelas ciências naturais e instintivamente organizava na residência da própria família, com a permissão de seu pai Joaquim Dias da Rocha, suas primeiras coleções:

³⁹ ALMADA, 2005. p.33.

⁴⁰ STUART, Guilherme (Barão de Studart). *Diccionario Bio-Bibliográfico Cearense*. Volume I. Fortaleza: Typo-lithographia a vapor, 1910.

Há cerca de vinte anos, moídos por um instinto todo natural, começamos a colecionar conchas, insetos, pedras, jornais do Ceará, moedas, etc., tudo isto reunindo em um armário, sem distinção; pois desconhecíamos os elementos mais rudimentares das ciências aplicáveis aquele gênero de estudos, do qual em verdade confessamos, que ainda hoje mui pouco conhecemos. (ROCHA, 1908 p.1)

Movido por um instinto aguçadíssimo, construiu, informalmente, suas coleções até que após dez anos, houve a ideia de organizar um pequeno museu que foi ganhando dimensão científica à proporção que adquiria conhecimentos com os estudos e leituras sobre Ciências Naturais, Arqueologia etc., a que tinham começado a dedicar em suas horas de lazer e até em horas de trabalho⁴¹.

Em 1908 e 1911 foram publicadas as duas edições do Boletim do Museu Rocha, que abordava temas relacionados a área de ciências e as raridades de seu e de outros museus. Dias da Rocha em 1900 iniciou a catalogação das raridades que compunham o Museu Rocha, que foram expostas em alguns artigos de seu Boletim⁴².

Mesmo com todas as dificuldades financeiras e limitações que o Estado do Ceará apresentava em relação à construção de um museu, Ele, contanto com seu próprio esforço e recursos, entrou em contato com cientistas, naturalistas e estudiosos do Brasil e de outros países no intuito de aprender todos trâmites para se fundar um museu, pois desejava com grande vontade tornar conhecidas as riquezas naturais e arqueológicas de sua terra. Segundo Rocha, nós

lançamos mãos a obra, enfrentando com todos os obstáculos resultantes da falta de elementos pecuniários, intelectuais e sobretudo da indiferença que merece em nosso meio uma empresa desta natureza; relacionamo-nos com naturalistas de outros Estados, do estrangeiro e conseguimos finalmente dar ao nosso modesto museu o desenvolvimento atual, em vista do qual resolvemos iniciar a presente publicação em que iremos sucessivamente catalogando, científica e sistematicamente ou não à medida de nossas forças e de nossos fracos conhecimentos, todas as coleções que o exornam. (ROCHA, 1908 p.2)

Por ser filho de português e entusiasta de tudo que se referia a Portugal, Dias da Rocha inaugurou oficialmente o seu Museu Rocha, no dia 31 de julho de 1903, aproveitando as festividades em Fortaleza, no qual que se comemorava o Tricentenário da vinda dos primeiros portugueses ao Ceará. De acordo com Studart:

⁴¹ ROCHA, Dias da. *Ao leitor in Boletim do Museu Rocha*. Livraria Araújo Editora. Fortaleza, 1 (1), 1908. p.1-2.

⁴² ALMADA, 2008 p. 178.

Inaugurou-se, em comemoração à grande data, o Museu de Arqueologia e História Natural do Sr. Francisco Dias da Rocha, sendo franqueadas as suas portas ao público que ali afluiu a admirar as curiosas raridades expostas, colecionadas com gosto verdadeiro científico, força de vontade extraordinária, persistência e paciência inauditas pelo seu proprietário, que não trepidou em dedicar-se a esta vocação, vencendo todos os obstáculos que se lhe antepunham pela falta de recursos e dificuldades que o Ceará apresenta em coisas desta ordem. (STUDART, 2001 p.163)

Desde de tenra idade, era um autodidata que buscava incansavelmente através dos estudos aprofundados nas ciências naturais obter as respostas para suas pesquisas científicas, foi um dos pioneiros nos conhecimentos dos recursos naturais da terra cearense, tornando se assim mundialmente conhecido. O Sr. Dias da Rocha até a inauguração do museu não possuía título acadêmico e todo o conhecimento adquirido veio de seus estudos na área das ciências naturais e da experimentação científica.

O Sr. Dias da Rocha não frequentou academias, não teve esclarecimentos de profissionais, não visitou estabelecimentos em que se achasse catalogados com etiquetas os produtos da natureza, mas quis fazer um museu com o devido valor científico, isolou-se de todo e de todos, e confiando só e só em si, esmerilhou com aquela percepção nítida e clara de que são dotados quase todos os cearenses, os segredos de ciência, as belezas de natureza, desfez os estorvos que ia encontrando, arcou contra a indiferença de seu tempo, trabalhou, dobrou de forças, lutou, lutou e quando apareceu, tinha levantado o maior monumento que o Ceará possui, monumento que representa a persistência, a ancia de dominar o impossível, a interpretação da ciência por notícias de jornaes e livros incompletos e insuficientes.⁴³

O Museu Rocha era uma atração cultural do centro de Fortaleza, vez que a mesma tinha poucas opções culturais para seus habitantes. Por iniciativa do seu fundador o museu era aberto à visitação pública aos domingos e na semana como cenário de aulas de História Natural da escola de Agronomia e demais escolas da cidade, sem que para isso tenha recebido apoio financeiro por parte dos órgãos públicos na manutenção ou aquisição de novas coleções. Isso mostrava o descaso que desde épocas antigas se tinha em relação a promoção da cultura no Estado do Ceará.

O museu era localizado, nos fundos da residência dos Dias da Rocha, nos prédios 157, 161, 167 na esquina da Avenida Tristão Gonçalves com Rua São Paulo, que eram imóveis adquiridos por seu pai Joaquim Dias da Rocha para instalação do estabelecimento comercial da família. Segundo Telles; Borges-Nojosa (2009), o Museu Rocha cresceu ainda mais do ponto de vista científico, graças às suas ricas correspondências com países estrangeiros e,

⁴³ MENEZES, 1908. p. vii-xi.

estruturalmente, com acréscimo de novas seções, como a coleção de adornos indígenas, machados de pedra e vários grupos animais.

Algumas coleções foram se agrupando às que já existiam no museu, sendo considerada assim a maior coleção da América do Sul e contavam como as coleções: ictiológicas, entomológicas, conquiológicas, mamalógicas. No museu haviam urnas funerárias dos indígenas, como também uma coleção de machados de pedra com 850 exemplares, dentes de animais pré-históricos, tudo coletado sem auxílio algum do governo estadual⁴⁴. Dias da Rocha conquistou um grande destaque no meio científico e acadêmico. Recebeu várias homenagens fora do país, graças as suas pesquisas e ao seu magnífico museu.

O Museu Rocha, tornou-se muito conhecido, mais no exterior do que em sua terra natal, por suas coleções zoológicas, botânica, antropológica e arqueológica. Sua atividade neste setor fez com que fosse homenageado, através do uso de seu nome em vinte e nove binômio específicos de peixes, moluscos, insetos, fungos e uma planta superior. (MATOS, 1989)

Custava crer que o referido museu tinha sido fruto do esforço de um único homem, que quando iniciou não havia frequentado academias e nem tinha visitado outros estabelecimentos em que pudesse achar catálogos com etiquetas os produtos da natureza para poder se espelhar. Tudo foi feito por único esforço próprio. Inúmeros foram os depoimentos de estudiosos e cientistas que passaram pelo museu, os quais sempre tiveram palavras de incentivo, encorajamento e louvores à obra de Dias da Rocha⁴⁵.

Acreditamos que Dias da Rocha fez em seu museu com poucos recursos, o que organizações ricas só conseguiram com muito dinheiro, em diversas instituições no Brasil e no exterior. Por isso foi enaltecido e reconhecido por suas colaborações aos estudos zoológicos junto a outros naturalistas por causa de sua esplêndida coleção científica.

Como naturalistas os Srs. Dr. Joaquim Antônio Alves Ribeiro, o fundador do nosso pequeno Museu Zoológico da Escola Normal, Catão Mamede e Francisco Dias da Rocha, o proprietário de um mimoso gabinete, onde se encontram curiosíssimos espécimes de ornitologia, malacologia, conchiliologia, entomologia, em uma palavra, raridades dos diversos ramos de Zoologia, Mineralogia e Etnologia. O seu gabinete é mais precioso que o Museu Amazonense que tem custado centenas de contos⁴⁶.

⁴⁴ ALMADA, 2008. p.282.

⁴⁵ ALMADA, 2008. p.187.

⁴⁶ MENEZES, 1906, p.85.

2.2 As coleções do Museu Rocha

O Museu Rocha era um local que preservava a memória cultural e natural do Ceará, e mesmo sendo de propriedade particular, não possuía apenas raridades acumuladas, objetos curiosos ou artigos nunca antes vistos, chegando a ser considerado o maior museu particular do Brasil⁴⁷. De acordo com Nomura (1965), este museu tinha ricas coleções sistematicamente acondicionadas e dispostas de conformidade com as regras estabelecidas nos grandes museus de história natural de países estrangeiros, fazendo com que todos que lá adentrassem se admirassem com os objetos expostos, produzindo ao visitante a mais agradável impressão.

Antônio Bezerra de Menezes era um grande historiador e profundo conhecedor de História Natural. Possuía uma grande empatia por Dias da Rocha, pois era amigo do seu pai Joaquim. O mesmo acompanhou toda evolução do jovem nas áreas das ciências naturais e na construção de seu museu, expressando sobre o Museu Rocha e a seu fundador dizendo:

Em verdade, uma instituição que modestamente contem amostra para mais de dez mil espécimes de História Natural e Arqueologia, representados de modo satisfatório nas grandes divisões da Mamalogia, de Ornitologia, Entomologia, Herpetologia, Malacologia e Conquiliologia, principalmente em besouros, da ordem dos coleópteros pentâmeros, família braquelitros, estafilinidas; em formigas, da ordem dos himenópteros, família dos heteróginos, tribo dos formicários, em abelhas da mesma ordem, família dos melíferos, tribos dos aniários; e ainda sobre conquiliologia, em que se encontram várias espécies novas, classificadas por notáveis especialistas na matéria, as quais foram coligidas pelo Sr. Dias da Rocha, não pode deixar de prender a atenção dos que conhecem quanto custa acumular dia a dia tão grande riqueza em sua maioria da zona cearense⁴⁸.

Assim, a seção de Parasitologia do museu ocupava um lugar de grande destaque no estudo às moléstias, tendo um cuidado especial do Sr. Dias Rocha, que mantinha uma constante correspondência e contato com intelectuais do Brasil e de países estrangeiros.⁴⁹ Assim, conforme Sousa (1996) houve interesse de Dias da Rocha de se corresponder com outros centros científicos do mundo, passando a ser sócio efetivo de instituições famosas da Europa e Estados Unidos, sendo sócio também aqui no Brasil do Instituto Butantã e Oswaldo Cruz.

De acordo com Almada (2011), o museu possuía vastas coleções de mamíferos empalhados, de borboletas e imensas coleções da fauna cearense, utensílios, adornos

⁴⁷ ANDRADE, 1969.

⁴⁸ MENEZES, 1908.

⁴⁹ ALMADA, 2008. p. 302.

indígenas, cachimbos de índios. Também, haviam Igaçabas e Camocim, que serviram para enterrar os mortos, coleções arqueológicas, bem como a grande e variada coleção mineralógica regional.

O mesmo autor afirma que o intelectual e grande técnico do sul do país Newton Beleza em uma conversa com o Renato Braga disse que

não compreendia porque homens como Pompeu Sobrinho, Barão de Studart, Pompeu Filho, tinham tanto respeito por Dias da Rocha que me parecia modesto, quando residia em Fortaleza. Depois então, que visitei as instituições do mundo do gênero, verifiquei o que lá foi feito com muito dinheiro, por homens de grande gabarito científico, Dias da Rocha fizera aqui, sozinho, desassistido. Passei a compreender o respeito de Pompeu Filho, Pompeu Sobrinho, Barão de Studart pelo querido mestre. (ALMADA, 2008 p.323)

De acordo com Menezes (1908), Quem adentrava na primeira sala era arrastado até a última, sem cansaço algum, sem preocupação, sem perceber que o tempo passava e despertava com a sensação de ter viajado por diversas partes do Ceará e em várias épocas. Mostrando assim o quão impressionante era o museu, que em um curto espaço tinha tão variado acervo de beleza e inestimável valor.

A impressão que fica pairando no espírito, ao se sair do museu do estimável cavalheiro Dias da Rocha, é das mais gratas, das mais fortes, das mais duradouras. Tem-se a convicção de que as duas horas gastas na apreciação de quanto constitui a excelente exposição não foram consumidas sem proveito, alguma coisa ficou de instrutivo. (CASTRO, 1905 p.34)

No Museu Rocha, as coleções encontravam-se classificadas e catalogadas com 10.730 exemplares representados 10.028 espécies de produtos naturais e arqueológicos.⁵⁰ Alguns naturalistas que faziam parte do Museu Goeldi, do Pará, tentaram adquirir determinadas coleções do Museu Rocha.

Segundo Silva (1968), Fizeram uma tentadora oferta, capaz de tornar qualquer rico o suficiente para viver tranquilo o resto da vida, mas, isto faria com que estas coleções saíssem do Ceará e figurariam em museus diferentes. Com tal coisa Dias da Rocha não concordou e o negócio não foi concretizado.

De acordo com Nomura (1965 p.241), as plantas coletadas por Dias da Rocha eram conservadas em grandes frascos de vidro. Nos mesmos colocava bolas de naftalina e os fechava hermeticamente. Quanto às borboletas e outros insetos, ele os acondicionava também em vidros, cada unidade de uma espécie num frasco com a devida classificação estabelecida.

⁵⁰ ALMADA, 2008. p.298.

Segundo Almada (2008 p.218), sumidades da área como o Dr. Arthur Neiva, Dr. Henrique Alencastro Autran, Dr. Carlos de Paula Couto, Antônio Bezerra de Menezes foram unânimes em afirmar que o Museu Rocha era considerado o Terceiro Museu do Brasil, ficando atrás apenas do Museu Nacional e do Museu Paulista. Porém, considerado o maior Museu particular do Brasil.

Com o desaparecimento do outrora magnífico Museu Paraense, restam apenas duas instituições desse gênero: o Museu Paulista e o Museu Nacional. No Ceará existe o Museu Rocha, instituição mantida por um particular e que tem prestado assinalados serviços par ao conhecimento da História Natural daquela zona do nordeste brasileiro.⁵¹

Os parentes do Mestre Rocha reclamavam do museu e queixavam-se de que ele perdia tempo demais com futilidades, de que não conseguia poupar dinheiro e acabavam por aborrecê-lo. Menezes (1908) levanta um comentário em relação aos familiares de Dias da Rocha:

Quando os parentes a despeito de seus queixumes irão pouco a pouco, como nuvens no poente bordadas de ouro e carmim, desaparecendo até que se afoguem na treva, ao passo que o nome do cultor das belezas da natureza passará à posteridade circundado de estima pelos grandes serviços que prestou à terra do seu berço, que, entretanto ainda o não conhece, e nem o quis honrar na altura de seu merecimento.

O Prof. Dias da Rocha não tinha condições financeiras de contratar um zelador ou auxiliares, ele era responsável por cuidar de todo o patrimônio de seu museu. A cada compartimento do Museu Rocha que passava, “ele de instante a instante observava, limpava e a alisava carinhosamente, namorando os objetos expostos, e é muito provável que ele até conversasse em uma deliciosa intimidade com cada peça” (MENEZES, 1908. p.vii-xi)

2.3 Boletim do Museu Rocha

Para maior amplitude na divulgação das raridades e para produzir um instrumento de estudo voltado ao estudo científico das ciências naturais, o Prof. Dias da Rocha publicou o Boletim do Museu Rocha. Apenas dois números foram publicados, ambos correspondentes ao

⁵¹ NEIVA, Arthur. *Esboço histórico sobre a botânica e zoologia no Brasil*: de Gabriel Soares de Sousa, 1587, a 7 de setembro de 1922. São Paulo, Soc. Imprensa Paulista, p. 125-126, 1929 (Originalmente publicado no número comemorativo do centenário da Independência do Brasil, do matutino paulista O Estado de São Paulo, 7 de setembro de 1922, pp. 47 e 49.)

volume 1: o primeiro em janeiro de 1908 e o segundo em junho de 1911.⁵² Os volumes do Boletim possuíam mais de 150 páginas de classificação metódica e científica de aves plantas, peixes etc.⁵³, e traz no prefácio do primeiro número o emérito amigo e cientista Antônio Bezerra.

O primeiro número do Boletim de seu museu trazia a notícia sobre o único museu que existiu no Ceará e que pertenceu ao médico cearense Dr. Joaquim Antônio Alves Ribeiro em 1873⁵⁴ e neste museu havia coleções de mamíferos, aves, répteis, peixes, cefalópodos, crustáceos, aracnídeos, insetos, zoófitos, coleção paleontológica, mineralógica, arqueológica e de numismática⁵⁵. Apresentava o Museu Rocha, dando um catálogo dos mamíferos, das aves, das conchas (determinadas em parte pelo Prof. H. Von Ilering), transcrevendo também o trabalho original desse pesquisador. Neste volume foram publicados os “Materiais para a flora cearense”, dando a lista das pteridófitas, dos fungos e dos cactos do Ceará, continuando com as gramíneas no número dois (1911)⁵⁶. Este primeiro volume foi impresso nas oficinas do Cruzeiro do Norte, editora e Livraria Araújo e distribuído a 6 de junho de 1908.

De acordo com Almada (2008, p.351), o segundo número trazia uma introdução de Soriano D’Albuquerque, no qual discorria sobre *A Ecologia, sua aplicação à fauna e flora brasileira*. São relacionados no Boletim os acréscimos nas coleções de 1909 a 1910 do museu. Neste volume há tabelas de dados meteorológicos (quantidade de chuvas caídas diariamente de dezembro de 1909 até junho 1910, mencionando também a temperatura no Ceará) e relaciona os livros e jornais recebidos pelo Museu Rocha.

2.4 Identificadores do Patrimônio do Museu Rocha

O patrimônio existente no Museu Rocha foi classificado por estudiosos e cientistas do Brasil e do exterior. O Professor Dias da Rocha fazia parte de inúmeras e afamadas

⁵² NOMURA, 1965. p.230.

⁵³ ALMADA, 2008. p.301.

⁵⁴ NOMURA, 1965. p.230.

⁵⁵ MATOS, 1997. p.26.

⁵⁶ MATOS, 1997. p.28.

sociedades científicas. Mantinha correspondência e enviava para classificação alguns materiais que lhes remetia, podendo fazer permuta de alguns espécimes que o interessava.

Nos Estados Unidos, os peixes fósseis foram classificados por David Starr Jordan; os minerais e rochas por John Casper Branner, ambos da Stanford Academy of California; os ortópteros por A. N. Claudell; os dípteros por H. Coquillet; os homópteros e heterópteros por Theo Pergand e Otto Heldemann, todos do Bureau of Entomology of U. S. Department of Agriculture; os hemípteros e homópteros por E. D. Ball, diretor e entomologista do Utah Agricultural College; os himenópteros parasitas por Will H. Ashmead.

Na França, os coleópteros por A. Fauvel e A. Grouvelle, ambos da Societé Entomologique de France; outros himenópteros por Augusto Forel. Na Itália, os lepidópteros, por Victor Von Bonninghausen; os ortópteros e aracnídeos por Alfredo Borelli, do Museu de Zoologia e Anatomia Comparata de Torino; as gramíneas e ciperáceas por C. Lindmann, diretor do Museu Real de Estocolmo; os fungos por P. Hermann do Konigl Botanische Museum, de Berlim; as pteridófitas por Hermann Christ de Basiéia, Suíça⁵⁷.

No Brasil, os himenópteros, por Adolpho Ducke, do Museu Goeldi do Pará e Jardim Botânico, do Rio de Janeiro; os vermes, por Adolpho Lutz do Instituto Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro; os peixes atuais por Alípio de Miranda Ribeiro, do Museu Nacional, Rio de Janeiro; os moluscos e parte dos himenópteros por Hermann Von Gomes do Instituto Butantã; os insetos em geral por Ângelo Moreira da Costa Lima, do Instituto Oswaldo Crus, Rio de Janeiro; as leguminosas por Frederico Carlos Hoehne, do Instituto de botânica, São Paulo e plantas em geral por Jacques Huber, do Museu Goeldi, Pará e muitos outros pesquisadores nacionais e estrangeiros⁵⁸.

⁵⁷ NOMURA, 1965. p.239.

⁵⁸ NOMURA, 1965. p.239.

3º CAPÍTULO: O LEGADO DO PROF. DIAS DA ROCHA NO ACERVO MUSEU DO CEARÁ

O Professor Dias da Rocha não teve filhos, nem sucessores interessados em continuar suas pesquisas. Também não preparou auxiliares de curadoria para o Museu Rocha. Recebeu inúmeras propostas para vender seu acervo para outros museus, por quantias que o permitiriam viver de forma confortável até o fim de seus dias. Porém, recusou todas por não querer que suas coleções fossem espalhadas para fora do Ceará. Nos seus últimos anos de vida, provavelmente, trazia em sua mente e coração uma enorme preocupação com o futuro de seu acervo, dedicadamente montado no decorrer dos anos em seu museu⁵⁹.

Em perfeita lucidez, apesar da idade bastante avançada de 90 anos de idade, com dificuldades financeiras em manter sozinho seu valioso patrimônio, vendeu em 1959 ao Governo do Estado do Ceará, todo o acervo de seu museu. Segundo Matos (1997, p.42), por estar velho e incapaz de manter à sua conservação, associado a falta de recursos financeiros para contratar zelador, teve que se desfazer de suas preciosas coleções.

Antes de falecer, Dias da Rocha foi aconselhado por seu amigo, o historiador, Raimundo Girão a distribuir parte do acervo do Museu Rocha entre diversas instituições do Estado. A maior parte foi cedida ao Instituto do Ceará ao Museu Histórico e Antropológico do Estado⁶⁰. Algumas coleções passaram por outros órgãos do Estado do Ceará, depois incorporadas ao acervo do Museu do Ceará. A coleção arqueológica foi destinada ao Instituto do Ceará e posteriormente passou para o acervo do referido museu⁶¹.

Os valores das coleções do Museu Rocha eram de extremo valor, seja no aspecto cultural, histórico ou sentimental. Dias da Rocha não desejava que seu acervo saísse de solos cearenses e o vendeu todo ao Governo do Estado por um preço módico⁶². As coleções mineralógica, geológica e arqueológica foram vendidas ao Estado pela quantia irrisória de cinquenta contos de réis⁶³.

⁵⁹ TELLES; BORGES-NOJOSA, 2009. p.41.

⁶⁰ ALMADA, 2008. p.283.

⁶¹ TELLES; BORGES-NOJOSA, 2009. p.41.

⁶² Valor: 1 Conto de Réis - R\$ 56,00. 50 contos de réis – R\$ 2.800,00.

⁶³ NOMURA, 1965. p.244.

3.1 Desapropriação pelo Governo do Estado do Ceará

O Governo do Estado adquiriu o Museu Rocha assim que o Professor Dias da Rocha completou seus 90 anos, sendo este museu transferido para a Secretaria da Agricultura. Foi uma grande aquisição, inegavelmente; mas seria de maior proveito se a compra fosse da Escola de Agronomia. Lá teria mais utilidade. As coleções são de mineralogia, geologia, entomologia, conquiologia e oceologia.⁶⁴

O Museu Rocha foi desapropriado em 1959, pelo Governo do Estado do Ceará, após 60 anos de sua fundação. Segundo Almada (2008, p.188), o Governo foi subdividindo suas coleções, destinando a diversos Órgãos do estado como Secretaria de Agricultura, Escola de Agronomia do Ceará, Instituto de Educação Justiniano de Serpa.

A coleção arqueológica foi para o Museu do Estado, onde se acha bem conservada e enriquecida com o material vindo do Instituto do Ceará. Parte da coleção entomológica encontra-se na Escola de Agronomia, bem como a sua seleta biblioteca. Os ninhos e ovos de aves foram para o Departamento de Zoologia da Secretária da Agricultura do Estado de São Paulo⁶⁵.

Importantes coleções dele estavam guardadas em salas do Instituto do Ceará e no Museu Histórico e Antropológico, mas que até hoje não se sabe ao certo o destino de coleções mineralógicas destinadas ao Departamento de Pesquisas da Secretaria de Agricultura do Ceará.⁶⁶ Possivelmente as coleções mineralógicas e geológica, estas com muitos exemplares fósseis, foram perdidas ou misturadas a outras coleções da própria instituição.

3.2 Escola Normal Justiniano de Serpa, Faculdade de Farmácia e Odontologia e Escola de Agronomia

O Professor Dias da Rocha era um amigo muito próximo do Dr. João Hipólito de Azevedo e Sá, que era Diretor da Escola Normal Justiniano de Serpa e seu médico particular por vários anos. De acordo com Almada (2008, p.179), ele ofereceu todo o acervo de uma variedade de objetos indígenas, compostos de colares, arcos-flechas, cachimbos, adornos de

⁶⁴ ALMADA, 2008. p.288.

⁶⁵ MATOS, 1997 p.42.

⁶⁶ ALMADA, 2008. p.252.

penas, dentes e utensílios, que passou a ocupar a Sala Prof. Dias da Rocha na Escola Normal Justiniano de Serpa, localizada próximo a Avenida Luciano Carneiro, em Fortaleza, sendo cuidadosamente instalada pela Professora Adelides Arrais. A Escola Normal posteriormente se tornou o Instituto de Educação do Ceará.

Interessantes e valiosas coleções para o estudo da História Natural de Dias da Rocha foram apresentadas a Escola Normal, a Faculdade de Farmácia e Odontologia e a Escola de Agronomia. As coleções doadas à Faculdade Farmácia e à Escola de Agronomia foram acompanhadas de respectivo mobiliário, composto de grandes armários de cedro envidraçados na parte da frente⁶⁷. A coleção doada a Escola de Agronomia era composta de centena de exemplares de mamíferos, aves e répteis. Ele doou a esta última Escola, as coleções de gramíneas, cujos exemplares tinham sido classificados por Lindmann⁶⁸.

3.3 Museu Histórico do Ceará

O Museu Histórico do Ceará, como foi chamado inicialmente, foi criado em Fortaleza, constituindo a primeira instituição museológica oficial do Estado. Esta instituição foi criada por meio de um decreto em 1932, mas foi aberto oficialmente ao público em janeiro de 1933⁶⁹. Mas, para falar do primeiro museu mesmo que não oficial no Estado do Ceará é necessário destacar a inauguração do Museu Rocha no ano de 1903 pelo Professor Dias da Rocha.

Pois bem, a presente cronologia não se inicia no dia 3 de fevereiro de 1932, quando o Museu do Ceará foi criado por lei. Também não começa no dia 7 de janeiro de 1933, quando foi aberto ao público. A opção foi abrir com 1903, na inauguração do Museu Rocha. É a nossa maneira de afirmar que, antes de iniciativas oficiais, há sempre outros começos, oficiais ou não, registrados ou não⁷⁰.

A referida instituição foi fundada e dirigida por Eusébio de Sousa que iniciou a formação e organização do acervo da instituição. Inicialmente foi alocado como uma das dependências do Arquivo Público, situado na Rua 24 de Maio, nº 238, no centro de Fortaleza.

⁶⁷ MATOS, 1997 p.42.

⁶⁸ NOMURA, 1965 p.244.

⁶⁹ Secretaria de Cultura – Governo do Estado do Ceará. *Museu do Ceará*. Fortaleza, CE, 2008. Disponível em: <<http://www.secult.ce.gov.br/equipamentos-culturais/museu-do-ceara/museu-do-ceara>> Acesso em: 15 out 2012.

⁷⁰ RAMOS, Francisco Régis Lopes; SILVA FILHO, Antônio Luiz Macêdo. (Org.). *Museu do Ceará 75 anos*. Fortaleza: Associação Amigos do Museu do Ceará/ Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2007. Coleção Memória do Museu do Ceará, vol. 2. p. 154

O Museu Histórico deu bastante destaque aos objetos ligados à ação colonizadora dos portugueses, como partes de canhões e medalhas comemorativas aos 300 anos da expedição de Pero Coelho e a primeira bandeira portuguesa que chegou à capitania do Siará Grande. O Museu também recebeu variados objetos vindos dos ameríndios, como: arcos, flechas, cachimbos, machados, vasos e urnas funerárias, provenientes de tribos localizadas dentro e fora do Ceará⁷¹.

No início de 1934, o Arquivo e o Museu foram transferidos para outro endereço que ficava na Avenida Alberto Nepomuceno, nº 332 no Centro de Fortaleza, em frente à Praça da Sé. Sua principal missão era a de promover a reflexão crítica sobre a História do Ceará por meio de programas integrados de pesquisas museológicas, exposições, cursos, publicações e práticas pedagógicas⁷².

O Arquivo Público foi transferido para o térreo do Palacete Senador Alencar em 1951, onde funcionava a Assembleia Legislativa, que exigiu o espaço do térreo do palacete ocupado, no momento, pelo Instituto do Ceará. O Instituto sem ter um local para funcionar, realizou um acordo com o Governo do Estado para ocupar o edifício do Antigo Tesouro que era o prédio do Museu do Estado. O Museu necessitava de uma administração e o Instituto do Ceará de um prédio para se instalar e:

Em 1951, firma-se um convênio com o prazo de 20(vinte) anos, através da lei 1.105 de 23 de outubro de 1951, entre o Governo do Estado e o Instituto do Ceará, no qual o governador Raul Barbosa resolve entregar a administração, a conservação e a guarda dos bens do Museu Histórico do Estado do Ceará ao Instituto do Ceará, o qual ficará instalado no mesmo prédio em que se encontrava o Museu, na Avenida Alberto Nepomuceno, 332. O objetivo, além de providenciar uma sede para o Instituto do Ceará, era reerguer o Museu Histórico, em virtude do estado de abandono que havia se estabelecido após a saída de Eusébio de Sousa. (MORENO, 1999. p.33)

O museu continuou no edifício da Praça da Sé até o ano de 1957, sob a guarda do Instituto Histórico do Ceará, que se transferiu para o mesmo local. A iniciativa governamental tinha por finalidade dotar o Instituto de instalações mais adequadas para as suas atividades e também reestruturar o Museu.⁷³ O historiador Raimundo Girão foi o responsável pela gestão e pelas modificações que ocorreram, como a criação da “Sala do Índio”, onde mantinham-se

⁷¹ HOLANDA, Cristina Rodrigues. *Museu Histórico do Ceará: a memória dos objetos na construção da História (1932 – 1942)*. Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria da Cultura do Estado, 2005. p.142.

⁷² Secretaria de Cultura – Governo do Estado do Ceará. Museu do Ceará. Fortaleza, CE, 2008. Disponível em: <<http://www.secult.ce.gov.br/equipamentos-culturais/museu-do-ceara/museu-do-ceara>> Acesso em: 15 out 2012.

⁷³ Secretaria de Cultura – Governo do Estado do Ceará. Museu do Ceará. Fortaleza, CE, 2008. Disponível em: <<http://www.secult.ce.gov.br/equipamentos-culturais/museu-do-ceara/museu-do-ceara>> Acesso em: 15 out 2012.

(...) inúmeros elementos de comprovação da arte, dos costumes e da luta cotidiana dos indígenas que habitaram a região do Nordeste. A coleção lítica é de notável valor, pela variedade e raridade dos utensílios e efeitos que a compõem. Na maior parte, têm procedência na coleção etnográfica do antigo 'Museu Rocha', pacientemente coletados e classificados pelo naturalista Prof. Dias da Rocha. A outra parte, deve-se ao trabalho de acuradas pesquisas e cuidadosa catalogação do Dr. Pompeu Sobrinho, (...). Mais de 1.200 machados líticos, rebolos, amuletos, cachimbos, ao lado de originalíssimos pilões, içaçabas e camucins, dão sentido de austeridade e ao mesmo tempo de reminiscência histórica a esta Sala evocativa. Cada objeto testemunha a vida árdua e natural dos nossos antepassados das selvas, e cada um de nós sente dentro de si a força dessa raça, que nos legou no sangue e nos hábitos, indeléveis marcas. A visita à Sala do Índio transporta-nos espiritualmente a um passado eloquente, gravado com o sainete vibrante da aculturação da gente branca nesta área da nacionalidade, então em plena formação. Como que assistimos, em desfile, a todos aqueles conflitos de cultura, de sentimentos, de sexo e de ideias que configuraram afinal nosso cruzamento rácico nas suas bases mais profundas – o europeu e o ameríndio – a que o negro africano deu, mais tarde, o têmpero das suas qualidades de mansidão e ternura. É um belo passeio que realizamos pelas 'alamêdas' da pedra polida' para melhor firmar o contraste entre o primitivismo espontâneo e o cientificismo de hoje⁷⁴.

3.4 Museu Histórico e Antropológico do Ceará

Algumas reformas foram feitas e novas peças foram sendo agregadas ao seu acervo, notadamente as das coleções indígenas do antigo Museu do Instituto, organizado em 1940 por Pompeu Sobrinho, e do Museu Rocha, compradas em 1953, para a montagem de futuras exposições.⁷⁵ As novas aquisições acabaram dando uma feição diferenciada à Instituição, que no ano de 1955 reabre com uma nova denominação: Museu Histórico e Antropológico do Ceará.

O museu era situado na Avenida Barão de Studart. Almada (2008, p.304) comenta que o Museu estava incluído entre os pontos mais importantes para visitação em todos os programas excursionais das companhias turísticas de Fortaleza. O Museu tinha sete salas temáticas que continham vários objetos e fotos que contavam além da história antiga e atual do Estado, mas também o modo de vida mais antigo do povo cearense e nordestino.

O Museu Histórico e Antropológico era aberto aos sábados e domingos para visitação pública. Os turistas do museu que predominavam na capital cearense vinham de todo os locais do país e do até exterior. De acordo com Almada (2008), Muitos cearenses desconhecem e desconheciam:

⁷⁴ OLIVEIRA, Ana Amélia Rodrigues de. *Juntar, separar, mostrar. Memória e escrita da História no Museu do Ceará (1932-1976)*. Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria da Cultura do Estado, 2009. p.74.

⁷⁵ Secretaria de Cultura – Governo do Estado do Ceará. Museu do Ceará. Fortaleza, CE, 2008. Disponível em: <<http://www.secult.ce.gov.br/equipamentos-culturais/museu-do-ceara/museu-do-ceara>> Acesso em: 15 out 2012.

o museu, principalmente os jovens, que em sua maioria, nunca conheceram os vultos que integram a história da Terra da Luz. O desconhecimento entretanto não acontece por falta de um local onde possam conhecer de perto a história da sua terra e do seu povo.

A quantidade de pessoas que visitou o Museu Histórico e Antropológico do Ceará, mesmo com uma frequência de visitantes, poucos eram os moradores de Fortaleza. A exceção eram os alunos de escolas e de faculdades que procuravam naquele museu subsídios para seus trabalhos escolares, geralmente numa visita em grupo aconselhada pelos mestres⁷⁶.

3.4.1 Sala da Cidade e Sala das Armas

De acordo com Almada (2008, p.304), na sala da Cidade estavam reunidos objetos que retratavam o mobiliário, a decoração e a arquitetura de Fortaleza do passado, além de manuscrito e impressos que tratam de lei e homens que fizeram a história da cidade. Um dos personagens era Antonio Rodrigues Ferreira, o Boticário Ferreira, que foi homenageado com o nome da Praça do Ferreira, duas semanas após sua morte. Nesta sala ainda encontravam-se as plantas da cidade datadas de 1726, (Vila de Fortaleza) 1859 e 1875.

O Sr. Joaquim Dias da Rocha era um abolicionista e fazia parte do Partido Libertador. O Museu Rocha possuía o Livro com capa de prata que foi conservado por Dias da Rocha durante setenta e seis anos 1884 à 1960 e, foi doado ao Museu Histórico, quando por intermédio do ilustre e um de seus maiores amigos – Dr. Raimundo Girão, ofereceu para o acervo do Museu Histórico do Estado e no qual se insere a primeira ata de solenidade de abolição que se acha transcrita, numa homenagem dos portugueses residentes em Fortaleza.⁷⁷

Na sala das Armas tinha uma coleção de fuzis e bacamartes, revólveres, garruchas e sabres usados no Império e na República que estavam lado a lado das armas e objetos pessoais dos militares que se ligavam à nossa história, nas guerras, revoluções e também nos períodos de paz⁷⁸.

⁷⁶ ALMADA, 2008. p.304.

⁷⁷ ALMADA, 2008. p.127.

⁷⁸ ALMADA, 2008. p.305.

3.4.2 Sala do Índio, Sala do Vaqueiro e Sala Professor Dias da Rocha

Na Sala do Índio havia uma rica coleção de armas e objetos usados domesticamente pelos indígenas da região cearense. Já na Sala Professor Dias da Rocha tinha a máquina impressora do “Clarim da Liberdade” que foi o 1º Jornal a circular no interior cearense e na sala do Vaqueiro havia peças que compunham ou ainda compõem as vestimentas do nosso *homem da caatinga*⁷⁹.

Entre o fim do século XIX e o início do processo de emergência étnica nos anos de 1980 foram formados alguns acervos etnográficos e arqueológicos no Ceará. Dentre estes, destacamos a riquíssima coleção do naturalista Dias da Rocha, cuja seção de arqueologia é composta por material lítico e cerâmico variado, prioritariamente encontrado no Ceará.

3.5 Museu do Ceará

No local onde estava instalado, o Governo Paulo Sarasate resolveu construir o Fórum Clóvis Beviláqua, transferindo o Museu para a Avenida Visconde do Cauype, nº 2341. Lá ficou até 1967, quando a Universidade Federal do Ceará solicitou o prédio para ampliar as dependências da Faculdade de Economia, prometendo em contrapartida um prédio na Rua Barão do Rio Branco, n. 410 (hoje sede do Instituto Histórico).

Hoje a Instituição se encontra num imóvel de significativo valor histórico, denominado Palacete Senador Alencar, idealizado originalmente para ser a Assembleia Provincial do Ceará, na época do Brasil-Império. Suas obras se iniciaram no ano de 1856 e foram concluídas em 1871, sendo tombado como Monumento Nacional pelo IPHAN em 28/02/1973. O imóvel do Museu do Ceará e algumas construções formam um importante conjunto arquitetônico da capital cearense, localizado numa área de grande densidade histórica e turística.

O edifício ainda mantém suas características arquitetônicas originais. Seu estilo neoclássico é expresso principalmente através das colunas, janelas e frontão triangular. Nas proximidades está o Palácio da Luz (atual Academia Cearense de Letras), a Igreja do Rosário e a Praça General Tibúrcio (mais conhecida como Praça dos Leões)⁸⁰.

⁷⁹ ALMADA, 2008. p.305.

⁸⁰ Secretaria de Cultura – Governo do Estado do Ceará. Museu do Ceará. Fortaleza, CE, 2008. Disponível em: <<http://www.secult.ce.gov.br/equipamentos-culturais/museu-do-ceara/museu-do-ceara>> Acesso em: 15 out 2012.

O Museu passou por dificuldades ao tentar se alocar em suas diversas sedes. Esse é um desafio constante ainda nos dias de hoje, pois o museu nunca possuiu um lugar específico para se estabelecer. Nesse contexto é correto afirmar que não existia o Museu do Ceará, mas sim um acervo andarilho (nômade) que se deslocava dentro da cidade de Fortaleza e que pode a qualquer momento reiniciar essa busca por um lugar definitivo.

3.6 O Resgate da Coleção de Zoologia

As coleções do Museu Rocha já haviam sido incorporadas ao Museu Histórico e Antropológico do Estado e ao Instituto do Ceará, pois o Governo do Estado havia comprado o patrimônio do Professor Dias da Rocha, quando este já tinha a idade avançada de 90 anos.

Com o decorrer dos anos o Museu Histórico e Antropológico do Estado tornou-se o Museu do Ceará e as coleções que estavam no Instituto do Ceará foram incorporadas ao referido museu. Mas ainda permanecia uma coleção esquecida na Sala Dias da Rocha, na antiga Escola Normal Justiniano de Serpa (hoje Instituto de Educação).

No ano de 2005, a coleção zoológica de Dias da Rocha, ou parte que restou dela, em grande variedade, foi encontrada em uma sala fechada do Instituto de Educação e foi resgatada pelo Museu do Ceará.⁸¹ O lugar estava fechado há mais de dez anos e o Instituto de Educação precisava de mais uma sala para o núcleo de vídeo.

Neste intervalo foi requisitado que o acervo fosse avaliado e transferido para a reserva técnica do Museu do Ceará. Com o passar do tempo e com as novas ondas teóricas que surgiram, o Instituto de Educação (antiga Escola Normal Justiniano de Serpa) precisava de uma sala de vídeo e a Sala Dias da Rocha não tinha mais utilidade na escola, pois uma sala de multimeios nos dias atuais é mais valiosa que um museu cheio de “coisas antigas” e “sem utilidade”.

A transferência da coleção zoológica assumiu ares de operação de salvamento, realizado em mutirão⁸². Este acervo foi prontamente avaliado pelo Professor Francisco Régis Lopes Ramos, do departamento de História da Universidade Federal do Ceará (UFC). Devido tratar-se de uma coleção animal, a equipe do Núcleo Regional de Ofiologia da Universidade

⁸¹ TELLES; BORGES-NOJOSA, 2009 p.42.

⁸² TELLES; BORGES-NOJOSA, 2009. p.10.

Federal do Ceará (NUROF-UFC), que matem uma magnífica coleção científica de anfíbios e répteis com caráter regional, foi convidada a participar do processo de organização e recuperação do material.

De acordo com Borges-Nojosa (2009, p.43), as peças encontravam-se em condições precárias, pois estavam empoeiradas e deterioradas. Esta era a situação atual de varias peças perfeitamente taxidermizadas pelo Prof. Dias da Rocha, que infelizmente sofreram ação do tempo, causando uma grande desvalorização do patrimônio. Os exemplares restante preservam grande valor científico e cultural, seja pelo ramo científico da taxonomia, quanto da distribuição geográfica e da ecologia.

A transferência do acervo para o Instituto de Educação, por volta de 1960, não foi algo inusitado. Na época era orientação pedagógica a existência de um museu em cada escola. No Ceará, a regulamentação de 1905 se referia a essa orientação com ênfase e detalhes (BORGES-NOJOSA; TELLES, 2009 p.11).

Assim, a Escola Normal Justiniano de Serpa recebeu uma valiosa parte das coleções do Museu Rocha. Mesmo com as boas intenções em se distribuir parte das coleções a várias instituições, houve também um descaso dos poderes públicos em relação ao patrimônio cultural cearense.

O professor Francisco Régis Lopes Ramos solicitou orientações para a realização do inventário das coleções de zoologia ao professor Roberto Feitosa, do Departamento de Ciências Biológicas da UFC. De acordo com Borges-Nojosa; Telles (2009 p.11),

a chegada da nova coleção coincidia com uma reorganização geral da reserva técnica e a mudança na base de dados por meio da utilização de um modelo de ficha de identificação mais condizente com o caráter eclético do Museu do Ceará.

Este patrimônio resgatado devido a fragilidade dos exemplares encontrados nas caixas de vidro da coleção zoológica, e:

foi levado em conta no trabalho o zelo no manuseio das peças, bem como as condições de conservação encontradas. Todas as etapas necessárias para a realização da metodologia do trabalho foram feitas simultaneamente, evitando que o exemplar fosse retirado de seu recipiente e manipulado mais de uma vez, o que poderia causar danos irreparáveis à coleção (BORGES-NOJOSA; TELLES, 2009).

Dias da Rocha era um curador meticuloso e cuidadoso de seu patrimônio que já aplicava há mais de cem anos procedimentos de preparação do material para curadoria, que

são amplamente utilizados nas coleções dos dias de hoje⁸³. O mais impressionante é ao considerar a dificuldade de obter os materiais para preservação no final do século XIX, devido a distancia de Fortaleza dos principais centros comerciais nacionais e internacionais.

Assim, o acervo da coleção zoológica conta com 983 exemplares, dos quais 970 foram identificados durante a catalogação e 13 exemplares que não puderam ser identificados. Ainda há um acréscimo a ser feito nesses números para finalizar a completa coleção zoológica de Dias da Rocha, devido à ausência das classes mollusca e porífera e das partes como ovos, ossos, peles e chifres⁸⁴. Os exemplares do acervo estão relativamente em bom estado, considerando que os exemplares possuem cerca de um século de idade.

3.7 O Acervo de Dias da Rocha no Museu do Ceará

As coleções de Dias da Rocha foram parar em várias instituições do Estado do Ceará. A coleção arqueológica foi destinada ao Instituto do Ceará. Parte da coleção entomológica e a biblioteca foram doadas e repassadas para a Escola de Agronomia. A coleção de ninhos e ovos foi para o Departamento de Zoologia da Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo e boa parte das demais coleções zoológicas e de gramíneas foram doadas para a Faculdade de Farmácia e Odontologia, a Escola de Agronomia e a Escola Normal. Dias da Rocha doou todo o acervo de objetos indígenas para a Escola Normal Justiniano de Serpa. E a coleção zoológica ou parte dela foi encontrada em uma sala do Instituto de Educação.

Com o tempo a maioria das coleções foi sendo reunificadas pelo Museu do Estado. “Era necessário conservar cada peça que compunham o patrimônio, mas também resgatar informações de quem foi Dias da Rocha e das transformações da pesquisa no país” (BORGES-NOJOSA; TELLES, p. 44, 2009).

O acervo atual do Museu do Ceará comparado com os números do material que o Professor Dias da Rocha publicou no Boletim do Museu Rocha até 1908, é claramente menor. Pois “foram registrados na parte zoológica de sua coleção 3.822 exemplares, sendo 1.154 identificados e 2.668 não identificados, compreendendo os maiores grupos taxonômicos”⁸⁵.

⁸³ TELLES; BORGES-NOJOSA, 2009 p.47.

⁸⁴ TELLES; BORGES-NOJOSA, 2009 p.52.

⁸⁵ TELLES; BORGES-NOJOSA, 2009 p.12.

O acervo de Dias da Rocha era certamente em número era maior, pois ele trabalhou ativamente pelo menos até o ano de 1939. Segundo Borges-Nojosa; Telles (2009), atualmente, o acervo possui “um pouco mais de 1.822 exemplares, sendo que apenas 28 não foram identificados pela categoria de classe e 478 foram identificados ainda na coleção Dias da Rocha, até o nível de espécie” (BORGES-NOJOSA; TELLES, p. 59 e 60, 2009).

As publicações do Boletim do Museu Rocha e do Instituto do Ceará são consideradas os primeiros periódicos científicos do estado cearense. Através dos periódicos de Dias da Rocha foram possíveis encontrar alguns dos primeiros registros para animais de nossa fauna. Podendo ter havido muitos outros grupos, como mamíferos, aves, moluscos, etc, com espécies que possuem seu primeiro registro feito por ele, demonstrando mais uma vez a importância científica de sua coleção⁸⁶.

De acordo com Borges-Nojosa; Telles (2009), “a coleção zoológica ficou pronta para entrar sistematicamente no acervo do Museu do Ceará, assim como para servir de apoio aos pesquisadores interessados na fauna cearense”. São necessários estudos mais aprofundados no que se refere ao valor científico da coleção zoológica do Professor Dias da Rocha. Pois, mesmo com todo o desgaste ocorrido em alguns exemplares, o valor histórico e cultural das coleções, é muito difícil avaliar o seu real valor.

Baseado em Borges-Nojosa et al (2009) Dias da Rocha foi um dos precursores de uma ciência como a ecologia que surgiria anos depois. “Dias da Rocha demonstrou ser um pioneiro nos estudos biológicos, aludindo à existência de relações ecológicas em sua coleção” (IDEM 2009, p. 57).

⁸⁶ TELLES; BORGES-NOJOSA, 2009. p.12.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, investigamos o legado educacional proporcionado pelas contribuições e coleções científicas do Professor Dias da Rocha na construção do acervo do Museu do Ceará. Com o objetivo de esclarecer quem foi o Professor Dias da Rocha e quais foram suas contribuições científicas que possibilitaram a construção de seu próprio museu, que foi outrora adquirido e dividido a vários órgãos pelo Governo do Estado do Ceará, sendo posteriormente resgatadas e agregadas às coleções do Museu do Ceará.

Desta forma, entendemos que a pesquisa se justifica considerando os seguintes pontos: (1) a urgência de se repensar a valorização da memória e da cultura cearense, para que as pessoas possam conhecê-la, preservá-la e divulgá-la, deixando para a posteridade uma herança inestimável; (2) a importância da vida de Dias da Rocha que viveu em prol dos estudos e construiu uma grande história através de suas coleções e pesquisas; (3) a necessidade de se identificar o descaso e a falta de investimento científica e cultural do Governo do Estado do Ceará e órgãos competentes; (4) aprender um pouco da institucionalização do Museu do Ceará e como foi sendo construído o seu acervo; (5) e, finalmente, a importância das coleções de Dias da Rocha no crescimento e valorização cultural do Museu do Estado.

No geral, as coleções de Dias da Rocha proporcionaram ao acervo do Museu do Ceará a construção de um legado valioso que enaltece a cultura cearense e a seu idealizador. A história de Dias da Rocha foi um patrimônio da terra cearense. Foi toda uma vida dedicada à ciência, aos livros, ao saber. Talvez porque não pedia, nada recebeu em troca. “Não tem queixa dos seus semelhantes, do poder público acha que na podia ter mesmo. Apesar de toda a sua cultura, da imensidão do seu saber, é humilde. É homem realizado na acepção mais clara do termo”⁸⁷.

Contudo, sabemos que nossa terra é formada por pessoas, relacionamentos e costumes. Com o passar dos anos, precisamos estabelecer um elo entre povos separados pela distância temporal e guardando as recordações vivenciadas em outra época, os museus atuam resgatando aquilo que precisa ser contado. O Museu do Ceará tem um papel fundamental na inserção social dos habitantes, fazendo com que as pessoas entendam a história local e, a

⁸⁷ ALMADA, 2008. p.176.

partir daí, se reconheçam como atores sociais. Por isso, o legado das coleções de Dias da Rocha é inestimável, pois resgata grande parte da história local, da fauna e da flora cearense.

Por fim, gostaríamos de apontar, mais uma vez, a necessidade de uma valorização da memória e da cultura no Estado, pois há pouco conhecimento da população e pouco avanço no intuito de preservar os locais que remetem a origem do nosso povo. O legado de Dias da Rocha é também uma valiosa reflexão do que fomos, somos e do que poderemos ser.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMADA, Zenilo. *Em homenagem ao cientista Dias da Rocha*. Fortaleza: Ver. Inst. Ceará, 1993.
- _____. *Discurso no 125º aniversário de nascimento do Prof. Francisco Dias da Rocha*. Fortaleza: Ver. Acad. Cear. Farm., 1996.
- _____. *O bonde e outras recordações*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2005.
- _____. *Professor Dias da Rocha: origem, vida e obra*. Fortaleza, CE: Ed. Expressão Gráfica e Editora, 2008.
- _____. *Fortaleza Inesquecível*. Fortaleza, CE: Ed. Expressão Gráfica e Editora, 2011.
- ANDRADE, Francisco Alves de. *O Centenário de Dias da Rocha*. Fortaleza, CE: Jornal Correio do Ceará. Ed. 02, 1969.
- ANÔNIMO. *Justa Homenagem*, Nordeste Agrícola. Fortaleza, 3 (3), p. 189-190, 1957.
- _____. *Os mortos do Instituto: Dias da Rocha*. Fortaleza: Ver. Inst. Ceará, 1960. LXXIV: 403.
- MENEZES, Antônio Bezerra de. *Carta In Boletim do Museu Rocha*, 1 (1), p. vii-xi, 1908.
- _____. *O Ceará e os cearenses*. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2001.
- CASTRO, Alfredo de. A Revista do Ceará, n. 5, Nov. 1905, p.34-36.
- CHAUÍ, Marilena. *A memória*. In: _____. *Convite á filosofia*. 13. ed. São Paulo: Ática, Unid. 5, Cap. 3, p. 138-142, 2003.
- HOEHNE, Frederico Carlos. *Bibliografia Botânica*. Rev. Mus. Paul., São Paulo 11, p.634, 1919.
- HOLANDA, Cristina Rodrigues. *Museu Histórico do Ceará: a memória dos objetos na construção da História (1932 – 1942)*. Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria da Cultura do Estado, 2005. p.142.
- HUYSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- LEAL, Ângela Barros, *O Pioneiro da História do Ceará: Vida & Arte*. Fortaleza, CE: Jornal O Povo, 1990.

MATOS, F. J. de Abreu. As plantas do formulário fitoterápico do Prof. Dias da Rocha. Fortaleza: Ver. Acad. Cear. Farm., 1993. IX/X (9/10): 74-76.

_____. O formulário fitoterápico do professor Dias da Rocha.[Mossoro, RN]: ESAM/Fundação Guimarães Duque, 1997.

MORENO, Márcia Rejane Bitu. *Museu do Ceará: relatos da administração de um bem cultural (1932-1998)*. 1999. 75 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização)-Gestão Pública, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 1999. p. 33.

NEIVA, Arthur. Esboço histórico sobre a botânica e zoologia no Brasil: de Gabriel Soares de Sousa, 1587, a 7 de setembro de 1922. São Paulo, Soc. Imprensa Paulista, p. 125-126, 1929 (Originalmente publicado no número comemorativo do centenário da Independência do Brasil, do matutino paulista O Estado de São Paulo, 7 de setembro de 1922, pp. 47 e 49.)

NOMURA, Hitoshi; *Um Grande Naturalista Cearense: Francisco Dias da Rocha*. Revista do Instituto do Ceará - Fortaleza, CE: Instituto do Ceará, 1965.

OLIVEIRA, Ana Amélia Rodrigues de. Juntar, separar, mostrar. Memória e escrita da História no Museu do Ceará (1932-1976). Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria da Cultura do Estado, 2009. p.74.

PAIVA, Melquíades Pinto. *Os naturalistas e o Ceará: VII – Francisco Dias da Rocha (1869-1960)*. Ver. Inst. Ceará, Fortaleza, 2001.

RAMOS, Francisco Régis Lopes; SILVA FILHO, Antônio Luiz Macêdo. (Org.). Museu do Ceará 75 anos. Fortaleza: Associação Amigos do Museu do Ceará/ Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2007. Coleção Memória do Museu do Ceará, vol. 2. p. 154.

ROCHA, Dias da. Ao leitor in Boletim do Museu Rocha. Livraria Araújo Editora. Fortaleza, 1 (1), 1908. p.1-2.

_____. *Diário de um Naturalista*. p 2, 1935. (datilografado).

_____. *Botânica Agrícola*. Fortaleza. p I, 1936.

_____. *Botânica médica cearense*. Fortaleza, CE: Fundação Waldemar Alcântara, 2008.

SILVA, Américo Gomes da. *Dias da Rocha. Informativo - Sociedade Cearense de Agronomia*. Ano: I, 1968.

SILVA FILHO, A. L. Macêdo e.; RAMOS, F. R. Lopes. *Museu do Ceará 75 anos*. Fortaleza: Associação Amigos do Museu do Ceará/ Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2007.

SOUSA, A. M. *Discurso na inauguração da Biblioteca Prof. Dias da Rocha* (26/08/1994). Fortaleza: Ver. Acad. Cear. Farm., 1996. XI (11/12): 120 – 124.

STUDART, Guilherme (Barão de Studart). *Diccionario Bio-Bibliográfico Cearense*. Volume I. Fortaleza: Typo-lithographia a vapor, 1910.

STUDART, Guilherme (barão de). *Datas e fatos para a história do Ceará*, vol. 3. [1924]. Ed. Fac-sim. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2001.

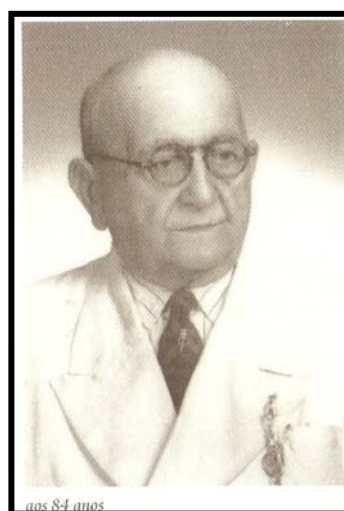
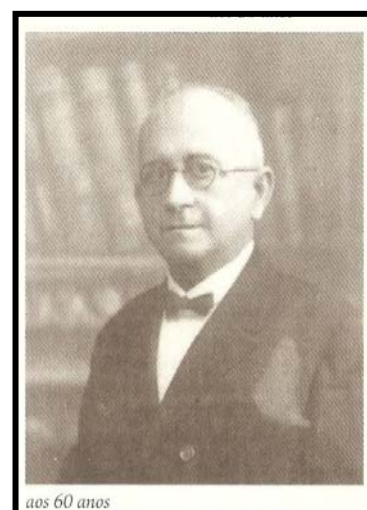
TELLES, Felipe Bottona da Silva; BORGES-NOJOSA, Diva Maria. *A Coleção Dias da Rocha no museu do Ceará*. Fortaleza, : Museu do Ceará, 2009.

WEBLIOGRAFIA

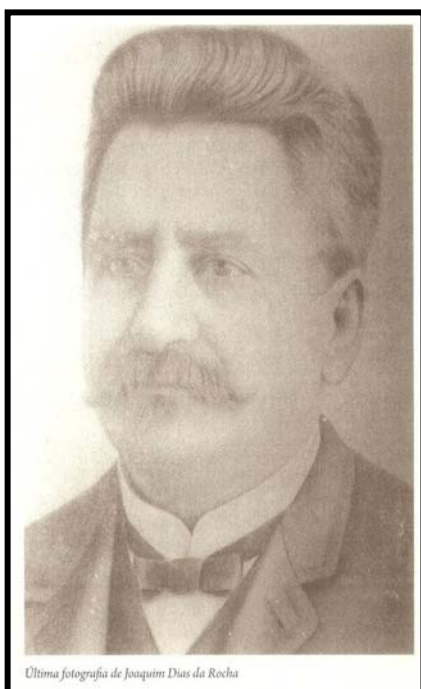
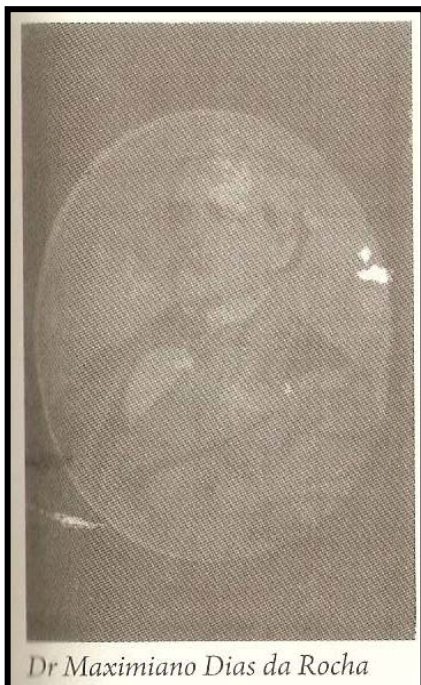
SECRETARIA DE CULTURA – Governo do Estado do Ceará. *Museu do Ceará*. Fortaleza, CE, 2008. Disponível em: <<http://www.secult.ce.gov.br/equipamentos-culturais/museu-do-ceara/museu-do-ceara>> Acesso em: 15 out 2012.

ANEXOS

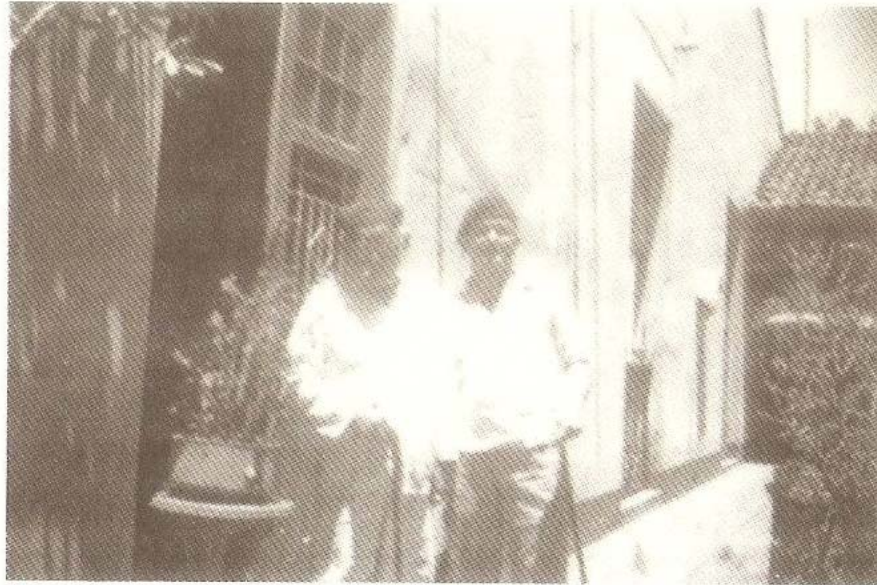
PROFESSOR DIAS DA ROCHA



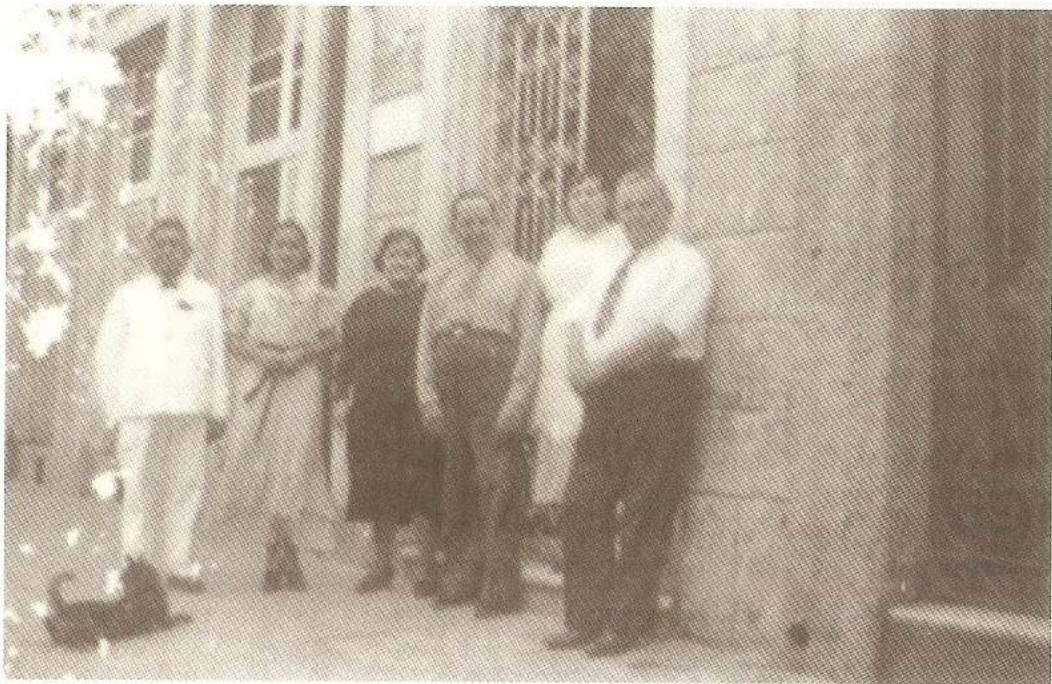
AVÓS E PAIS DE FRANCISCO DIAS DA ROCHA



PROFESSOR DIAS DA ROCHA E FAMILIARES

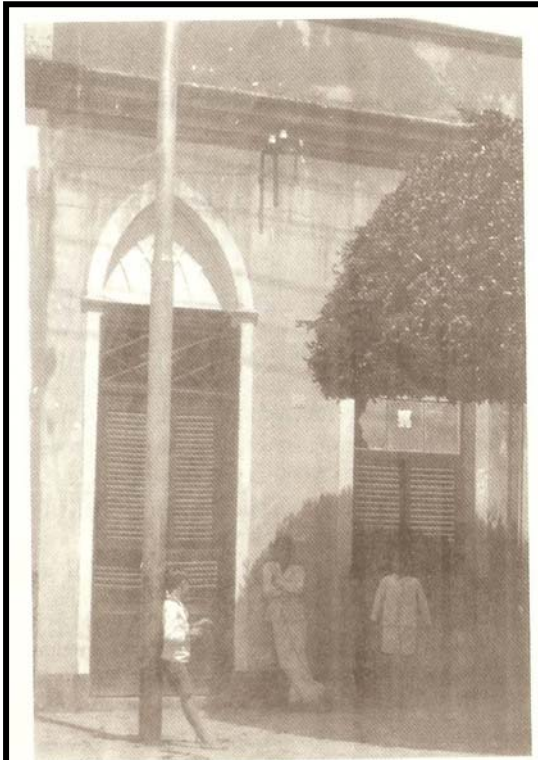


*Prof. Dias da Rocha com seu sobrinho neto Zenilo
Almada Almada no Jardim de sua residência*

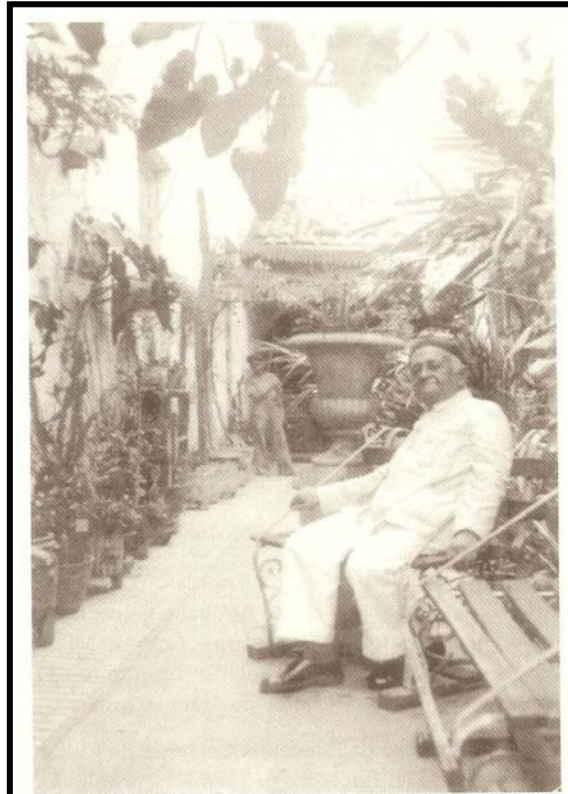


*Na sua residência na 24 de Maio nº 214, onde morou 60 anos. Da esquerda
para a direita: Prof. Dias da Rocha, sua sobrinha Norma Câmara, sua irmã
Cecília, seu sobrinho Joaquim Dias da Rocha Prata, sua mulher Gualterina
Alencar Dias da Rocha e um amigo.*

RESIDÊNCIA DE DIAS DA ROCHA



Casa onde nasceu o Professor Dias da Rocha, no dia 23 de agosto de 1869 - Rua Senador Pompeu, nº 505 (antiga Rua Amélia), entre as ruas Dr. João e Sen. Castro e Silva

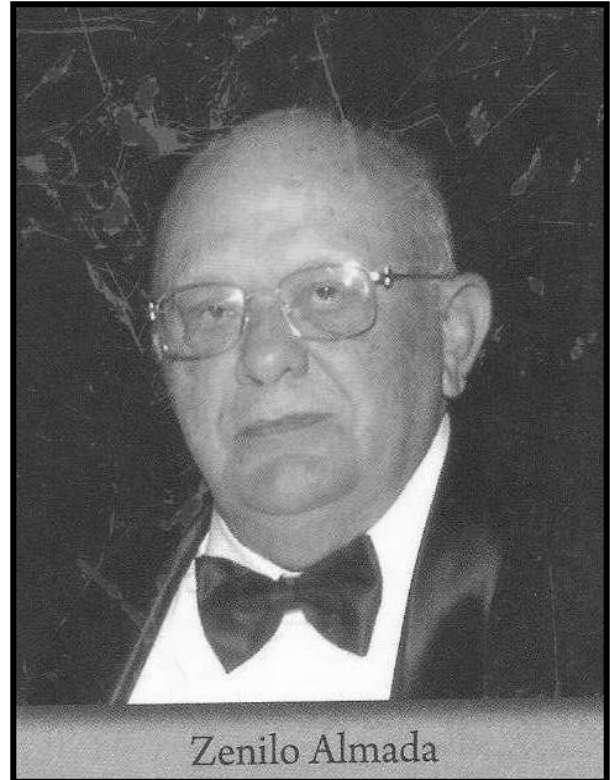


Prof. Dias da Rocha no Jardim de sua residência, Rua 24 de Maio, nº 214 aos 70 anos

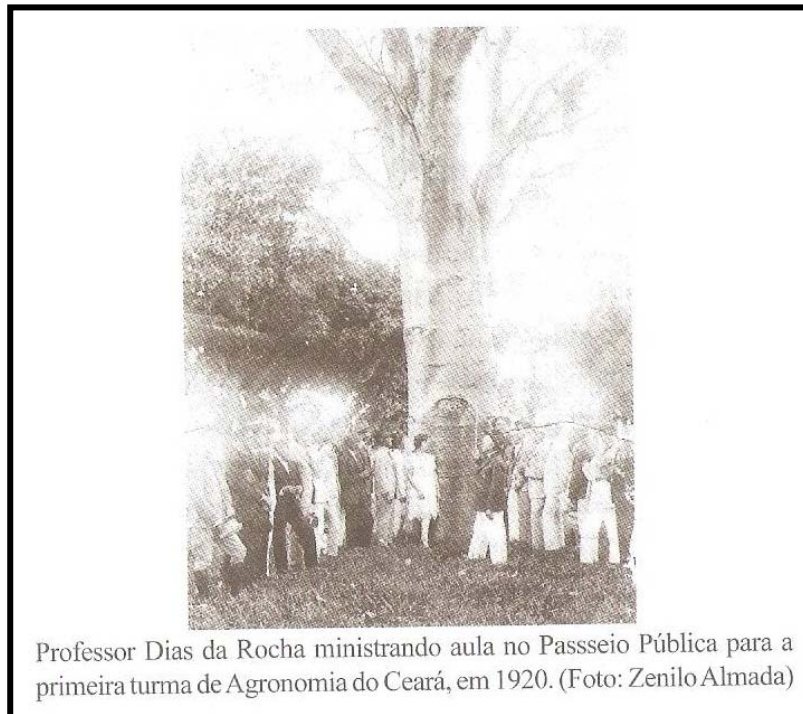


Prof. Dias da Rocha no seu gabinete de estudos Fotografia oferecida por H. Von Ihering

ESPOSA E SOBRINHO-NETO DE DIAS DA ROCHA



AULA DE CAMPO – FACULDADE DE AGRONOMIA



MATERIAS DE JORNAIS

O POVO

Segundo Caderno

Fortaleza, terça-feira, 3 de novembro de 1987



Professor Dias da Rocha Patrimônio científico do Ceará

O projeto "A História de Joaquim Dias da Rocha..."

O professor Dias da Rocha foi um dos pioneiros do estudo e reconhecimento dos recursos naturais do Ceará...



Dias da Rocha foi pioneiro no estudo das ciências naturais...

Hojacirano Leite Filho

N o anexo informativo da Sociedade Cearense de Agronomia, em 1968, o professor Américo Gomes da Silva homenageava a memória de um dos mais importantes pesquisadores...

O Ceará, na comunidade de sua Escola de Agronomia, tem uma dívida de reconhecimento e gratidão para com o naturalista. É o perfil e a dedicação de professor...

Dias da Rocha foi pioneiro no estudo das ciências naturais. Rui Simões de Menezes, Osmar Fontenelle, Melquíades Pinto Bahia e outros que, em suas especialidades, seguiram-lhe o exemplo com dedicação.

FORMAÇÃO Francisco Dias da Rocha nasceu em Fortaleza, no dia 21 de agosto de 1869. Filho do negro...



O professor, no gabinete de trabalho, já no final da vida

cientista português Joaquim Dias da Rocha e Francisco de Paula Dias da Rocha. No "Diccionario bibliografico cearense"...

Parte do acervo de Museu de História do Ceará foi destinado a Francisco Dias da Rocha, coligado e publicado...

Em 1944, Dias da Rocha soupo a cadeia número onze do...



EXEMPLO Alamo de Dias da Rocha, o escritor Francisco Alves de Araújo de lembrou "que ninguém voltava do seu gabinete em sua casa próxima ao Museu, com uma indagação qualquer, sem cultura respectiva à curiosidade, pois o mestre tinha nos livros e na ponta dos dedos, com o material das viagens que acumulara, uma reserva".

DIVIDA No dia 23 de agosto de 1969, Francisco Alves de Araújo, da Academia Cearense de Letras, foi destacado para ser orador durante a cerimônia de inauguração do monumento da Escola de Agronomia da UFC, em homenagem a Dias da Rocha. Francisco Alves leu o discurso garantindo que...

VIDA & ARTE

186

OPOMO B
CADERNO

FORTALEZA — CE
TERÇA-FEIRA
04/SETEMBRO/99

O pioneiro da História Natural do Ceará

ANGELA BARROS LEAL

Beim que o português Joaquim Dias da Rocha tentou que o filho Francisco se dedicasse ao comércio. O negócio de seixos e moedas progredia, e a firma Dias da Rocha & Cia., instalada na Rua Sena Madureira, se mostrava um empreendimento de sucesso. Um grande passo para quem deixara Portugal sem sequer um porto certo no Brasil.

Joaquim trazia recomendações para amigos da família, no Maranhão, e para o comércio no Ceará. Foi aí que conheceu José Soares, em Maranguapé. Vindo de Lamego, nas margens do rio Balsemão, não era ele um importante qualquer. Havia as terras da morgado, ovinos produzidos, a Universidade do Porto. Mas a aventura do Brasil era tentadora, e a chegada no Ceará aguçou as ideias de quem poderia existir.

Não se sabe ao certo a idade com que chegou aqui, mas o fato é que aos 24 anos estava solidamente estabelecido, pronto para casar com Maria José Pinheiro Chagas, dez anos mais jovem. O filho Francisco, nascido a 23 de agosto de 1869, no número 517 da rua Senador Pompeu, e o sinal da instalação definitiva no novo país.

Francisco frequenta as aulas do Colégio São José, passa depois para o Ateneu Cearense, e inclui entre suas atividades uma curiosa coleção de conchas. Aos 15 anos, a coleção é o embrião de um dia viria a ser um museu de ciência naturais, com peças pacientemente coletadas na área das praias de Fortaleza.

Os estudos e a dedicação à natureza são interrompidos em 1886 em troca de uma nova experiência: uma viagem à Europa, para sondar as possibilidades do retorno da família a Portugal, e para atender à sugestão paterna de ver o filho formado em Medicina. A svô do rapaz, Cosma Rufino de Pórtus, praticava na

dicina caseira a partir do conhecimento de ervas e plantas. Joaquim talvez quisesse encaminhar o filho para atividades curativas, conhecendo sua inclinação para o estudo da natureza.

A viagem se estende por seis meses. Francisco retorna a Fortaleza para o caminho profissional mais lógico. Dedica-se ao comércio junto com o pai, o que faz "cooperangido", como assinala o Barão de Studart em seu Dicionário Bio-bibliográfico. "Ele não tinha vocação para o comércio", diz o sobrinho-neto Zenilo Almada. "mas exerceu o papel de um sócio interessado".

Aos 1898 Francisco trabalhou com a venda de bicalhaço português, pastas europeias, cadeiras austríacas, anquilinas da França, sem entretanto abandonar a Medicina que crescia e se descobria em algas, insetos, plantas, tudo o que pudesse interessar a um verdadeiro naturalista.

Dias da Rocha casa aos 30 anos, no dia 29 de julho de 1899. A noiva, com a mesma idade, é Leopoldina Caracas, a D. Letícia de Guaramiranga. Os filhos vêm em sucessão: quatro homens, nascidos entre 1900 e 1905. Em 1906 o casamento acaba.

Dias da Rocha permanece no casarão de nove quartos que o pai comprara, na Rua 24 de Maio, 214, reservando um dos aposentos para sua preciosa coleção. E ainda, volta com os filhos para Guaramiranga.

É fácil imaginar o processo de cristalização dos hábitos de um cientista solitário, cercado de frascos, amostras e espécimes dos três reinos da natureza. Zenilo Almada foi marcar com o dobo aos 12 anos, quando Guatierina Alecar Campos era a dona da casa.

"Praticamente nasci e vivi com ele", diz o advogado. "Era um homem paciente, sereno e extremamente metódico". A convivência se estendeu por de-



Dias da Rocha natureza como ciência



A rua Prof. Dias da Rocha foi um dia chamada de rua Havai. Com a morte do professor, em 1960, o então secretário da Prefeitura, Raimundo Cirilo, enviou mensagem à Câmara de Vereadores sugerindo que a denominação fosse trocada. As orquídeas epalmeiras evocadas pelo nome anterior deram lugar a um homem que tudo sabia sobre a fauna e flora nativas.

"Em boa hora resolveram homenagear o trabalho do professor", diz o sobrinho-neto Zenilo Almada, "valorizando com a rua tudo que ele fez pelo Nordeste, como um pioneiro do trabalho científico aqui".

José Claudio de Oliveira, professor e Conselheiro aposen-

ta, acompanhando uma rotina inalterável que principiava às 5.30 da manhã, com o professor escutando a boina de feltro que era sua marca visual.

Tomava café e ia para o jardim da casa olhar as plantas. Entre 7.00 e 8.00 lia jornais e cuidava de sua correspondência com cientistas brasileiros e do Exterior. As 9.00 um sino indicava que era hora do almoço. "Impreterivelmente às 9 ele almoçava, e até as visitas tinham que seguir este horário", relembra Zenilo.

O jantar estava pronto às 2.30 em ponto, depois das aulas de Botânica Agrícola, Zoologia Agrícola, Entomologia e Parasitologia Agrícola. As 3.00 Dias da Rocha ia para a Farmácia Santa Helena, onde dava nome como farmacêutico. Mais tarde era hora de voltar para casa e atender aos pobres com suas receitas homeopáticas, curando-se sobre os livros em busca das estagons de Aconitum ou Belladonna, deixando os pacientes entregues à certeza de que o professor "estava conversando com os espíritos".

O programa de rádio "Terço em Família" era acompanhado diariamente, às 6 da tarde. Apesar de Macor, o professor era um devoto de Nossa Senhora de Fátima.

Até 8.30 a casa fechava as portas. Zenilo conheceu o trabalho quase afastado de seu trabalho como pesquisador, mas atirava com segurança que "o que ele fez no Ceará em Botânica ninguém faz até hoje". Números antigos da Revista do Instituto do Ceará, do qual foi membro, trazem trabalhos assinados por Dias da Rocha. Em 1946 ele publica "Subsídios para o estudo da flora cearense — catálogo das espécies vegetais por suas coligadas".

Não há uma só palavra de texto, substituído do começo ao fim por uma listagem fascicante de plantas locais e seus nomes científicos: capim de conta, capim gangibre, barba de bode, juncos da lagoa, pacavira, agupapé, bel-droega, alcatraz de São José, índia, malícia, rosa da Turquia, jatobá, imbuçanga, anil, gergelim, e muito, muito mais.

Os trabalhos seguintes, publicados em 1948 e 1950, listam a fauna cearense. Começam com mosquitos, mosquitinhos, cavalos do cao, insetos que roem as flores das dalíais, os frutos da gonabeira, as vagens do feijão, os que atacam os arrozais e perfuram as raízes da bananeira; os que prejudicam a azeite, e abacaxeiros, o feijão, os que destroem impiedosamente as flores da pimenta, os tumateiros, a toalha do algodoeiro, os que provocam tumefações nas folhas da mandioca. Inspectoflam os galhos novos

e delgados do melombo, as folhas do maroneiro, o caule da espirradeira.

Anos mais adiante se enfileiraram: gato mourisco, coça, piratá, maracajá, o rato preto, o cantito, o guabiru, o vno do caracá, o bone de melão, tucoão, sancha, abacaxi, a sinuosidade da salamandra, da caninana, papa-ovo, cobra de leite e cobra coral; a trivalidade da bíblia, lagartixa, do valango entre acanando ao vento nos muros proximários.

No Museu Dias da Rocha, que por muitos anos foi aberto à situação pública e às aulas de História Natural da Escola de Agronomia, havia um pouco de tudo: Urnas funerárias, uma coleção de machados de pedra com 850 exemplares, dentes de animais pre-históricos, tudo coletado sem auxílio algum do governo. Em 1921 era considerado o terceiro museu do Brasil (atrás de H. A. A. A.).

Antes de falecer, Dias da Rocha acentua o conselho do amigo Raimundo Cirilo, e distribuiu o acervo do Museu entre diversas instituições. A maior parte foi cedida pelo Instituto do Ceará ao Museu Histórico e Antropológico do Estado, onde Claudio Caracas, uma das netas de Dias da Rocha, levou seus filhos à passeio.

"Meu sobrinho estava a pé na praça em tudo; mostrava as pedras antigas, pra gente era um mundo lindo, bem diferente". Claudio lamenta não ter se aproximado mais do avô — "baxinhau, atencioso" — com quem passava tardes levadas pelo pai. Lamentava.

Francisco Dias da Rocha foi um dos fundadores da Escola de Agronomia do Ceará, que entrou em funcionamento a 1º de maio de 1918. Foi o segundo diretor da Escola, e como professor gostava de uma situação peculiar.

"Ele foi ao mesmo tempo professor e aluno", relembra Zenilo. "Era um autodidata".

Quem o conheceu na cidade afirma que ele não era um bom expositor. Até mesmo avisados "dava a impressão que pouco sabia", como diz o pesquisador Hiroshi Nomura no livro de F. Alves de Andrade. Mas era bastante, testemunhar seu sentido, apurado de observação, "a fauna cearense. Começam com mosquitos, mosquitinhos, cavalos do cao, insetos que roem as flores das dalíais, os frutos da gonabeira, as vagens do feijão, os que atacam os arrozais e perfuram as raízes da bananeira; os que prejudicam a azeite, e abacaxeiros, o feijão, os que destroem impiedosamente as flores da pimenta, os tumateiros, a toalha do algodoeiro, os que provocam tumefações nas folhas da mandioca. Inspectoflam os galhos novos

até os últimos dias o professor se dedicou à ciência, redigido cartas, corrigindo os trabalhos pacotes com amostras para enviar a outros cientistas, a fim de confirmar suas análises. Dias da Rocha faleceu no dia 26 de julho de 1960, aos 91 anos de idade, deixando o legado de uma pesquisa valiosa.

Carta de Notícias

ANO XXVIII — FORTALEZA, DOMINGO, 30 DE AGOSTO DE 1959 — N. 2.317

DIAS DA ROCHA: VIDA DE CEARENSE PARA A CIENCIA

COM QUASE UM SÉCULO DE EXISTÊNCIA O NOTÁVEL MESTRE AINDA PESQUISA, FAZ TRABALHOS CONCRETAMENTE E SE CORRESPONDE COM COLEGAS DE OUTROS PAÍSES — VENDEU O "MUSEU ROCHA" AO ESTADO — UM POUCO DA HISTÓRIA DO PROFESSOR QUE FOI MESTRE E ALUNO AO MESMO TEMPO

Reportagem de NELSON LESSA Foto de MANUEL LIMA

Pouca gente sabe que no Ceará de antigamente, ainda vivo, abunda, trabalhando pelo bem da humanidade, das plantas dos animais traço...

acha que não podia ter mais. Apesar de vida e sua cultura, da indústria e seu saber, e humildade. É homem realista, há acepo mais clara do tempo.

deira vocação: ciência. Não háramos. A disciplina no far era rígida. Poco abduzido os pais. Em 1890 comoda a família, Colégio de José e Atenas Cearense. Depois sub...

COMERCIANTE FRUSTRADO

Ontem a reportagem visitou o patrono dos acadêmicos de agronomia do Ceará. Foi uma entrevista entre duas pessoas. O prof. Dias da Rocha disse que "passou aqui mesmo em Fortaleza, a 23 de agosto de 1909, iniciando a carreira de comerciante. Não pôde de ser pai. Tentou deixar para seguir à verda...



Aos 96 anos de idade o prof. Dias da Rocha, foto tirada recentemente e se corresponde com colegas de vários países. Na foto o grande cientista cearense quando estava a este jornal.

Essa reportagem tem uma finalidade especial: mostrar que o prof. Dias da Rocha está vivo. É bom dizer que foi ele o descobridor do índico no Ceará, e que ocorreu em 1906. Não diz que se trata de uma prática científica, de uma ciência e de trabalhos de frente de um biólogo. É verdade que ele descobriu a fórmula "Rochaplama", aplicada com êxito na cura da sífilis. Depois, obteve o grau de doutor em medicina em 1910. Entre as obras publicadas pelo prof. Dias da Rocha, estão em português o "Farmacológico Terapêutico", e em francês "O tratamento da sífilis".

Dias da Rocha

(Continuação da Última Página)

outros idiomas, mantendo a sua especialidade com o inglês e o francês. Também escreveu em espanhol, francês, português e inglês. Em 1910, em sua cidade natal, fundou a Farmácia e Odontologia de Ceará e Faculdade de Agronomia. Também em 1910, em sua cidade natal, fundou a Farmácia e Odontologia de Ceará e Faculdade de Agronomia.

Em autodidata e ao término de curso de medicina em 1906, recebeu o diploma de doutor em medicina. Em 1912, recebeu o diploma de doutor em medicina. Em 1912, recebeu o diploma de doutor em medicina.

SINDICATO DE FACULDADES

Um outro aspecto notável na vida de grande mestre é que desde a sua chegada ao Ceará, em 1909, ele sempre se preocupou com a melhoria da educação de Ceará e Faculdade de Agronomia.

ESTADO COMPRA MUSEU O Governo do Estado, em nome do professor Dias da Rocha, vai se reunir para a aquisição de um museu de história natural.

como José da Rocha de Agronomia. Lá tem uma unidade. As coleções são de mineralogia, geologia, botânica, zoologia, arqueologia e arqueologia. Ontem, ao meio dia, chegou o primeiro presidente da comissão de compra, o doutor Teófilo de Faria, diretor do Departamento de Agricultura do Ceará.

GASA Aluga-se uma sala em rua Rocha Lima n.º 1277 (Aldeota). Tratar com Vicente Magalhães Sales, Avenida T.º de 1412 — Fone: 1-82-32.

Faleceu ontem o professor Francisco Dias da Rocha

Teve marcante atuação na vida cultural do Estado — Dados biográficos do extinto

Com a avançada idade de 96 anos de idade faleceu, ontem nesta capital, o professor Francisco Dias da Rocha, figura que teve uma marcante atuação na vida cultural de nosso Estado. O sepultamento do ilustre morto ocorreu às 9 horas de hoje, sendo o féretro, com grande acompanhamento de sua residência à rua 24 de Maio. Sobre o esquife, notavam-se inúmeras coroas, com expressões de pesar e saudades, ofertadas por pessoas do seu vasto círculo de amigos.

BIOGRAFIA

O professor Francisco Dias da Rocha nasceu em Fortaleza, em 1863. A sua família mandou-o para Portugal, ainda muito moço, para concluir os preparatórios iniciados no velho Liceu do Ceará, a fim de ingressar na Escola Médico-Cirúrgica do Porto.

Nessa oportunidade visitou a Espanha, a França e a Inglaterra. Adoecendo o seu pai, voltou da Europa para pôr-se à frente dos negócios da família, pois o seu progenitor era comerciante nesta capital. Falecido o pai, não pôde mais regressar a Portugal, para concluir os seus estudos secundários.

Desempolgado por algum tempo, às atividades comerciais, delas se afastando pouco depois, para entrar-se inteiramente nos estudos de História Natural. Esta sua vocação manifestou-se desde a infância e foi favorecida pelo seu pai, homem bastante inteligente e que pertencia a uma família de professores, entre os quais haviam muitos em Coimbra.

Tornou-se, no Ceará, o pioneiro dos estudos de história natural, criando o primeiro museu de história natural — o Museu Rocha — repositório de nossa flora, fauna, mineralogia e geologia, que manteve por mais de 50 anos, sem nenhum auxílio da parte dos governos municipal, estadual e federal. Tudo feito e mantido pelo seu trabalho e expensas.

Por mais de 50 anos cultivou uma ativa correspondência com cientistas estrangeiros e nacionais, em torno das causas naturais do Ceará, num intercâmbio em que as nossas plantas, bichos, minerais e rochas foram conhecidos e devidamente classificados.

Sobretudo, sem ajuda de ninguém, fez um trabalho que competia a uma equipe numerosa e bem paga. Foi mais do que muitos museus bem providos de pessoal e material. No centenário da Independência, Artur de Albuquerque, governador do Brasil, teve a oportunidade de colocá-lo logo depois do Nacional e do Paulista, registando a ação do sábio cearense.

Realizada sem rumor de espécie alguma, Pertenciam a várias sociedades científicas da França, da Inglaterra, da Alemanha, da Holanda, da Espanha, de Portugal e dos Estados Unidos. Foi fundador e professor, por longos anos das Escolas de Farmácia e Odontologia e de Agronomia.

Na Farmacêutica e Engenharia Agrônoma, Fortaleceram trabalhar tanto pela sua terra e raro o fizeram como ele o fez — sem paga, de espécie alguma.

Por outro lado, já se in-

Prof. Dias da Rocha

Conferência no Centro Odontológico

DELEGACIA DO IBC IMPOTENTE PARA ENFRENTAR CONTRABANDO

A fim de expor a situação de falta de meios em que se encontra para dar combate aos desvios de café ocorridos ultimamente, em larga escala, no Ceará, via-

Jou para o Rio de Janeiro, ontem, o Delegado do Instituto Brasileiro de Café, Sr. José Maria de Oliveira. Aquela autoridade, vai encontrar-se com o Presiden-

te do IBC e fazer ampla exposição sobre o problema, solicitando meios com que possa fiscalizar as indústrias existentes e reprimir rigorosamente o contrabando.

Um grande legado para o Ceará

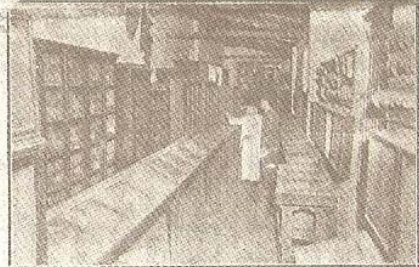
O "MUSEU DIAS DA ROCHA" DEVE SER INCORPORADO AO DO ESTADO

O Terra

Entendidos no assunto darão seu pronunciamento a respeito — Uma boia sobre 83 anos de vida bem vivida — A maior coleção entomológica particular — Mestre de muitas obras, Dias da Rocha corresponde-se com meio mundo, privando da amizade e da admiração de grandes cientistas

Escreve BATISTA MORENO
(Do corpo de reportagem do O JORNAL)

Muito de mais sobre o legado e a obra de Dias da Rocha foram publicados no número anterior. O Sr. Dias da Rocha é o fundador do Museu de História Natural do Ceará, a obra mais importante de sua vida científica. Este Museu, instalado em uma casa da Rua Floriano Peixoto, 587, em Fortaleza, apresenta uma coleção entomológica particular, a maior do Brasil. A coleção contém cerca de 80 mil espécimes de insetos, incluindo coleções de abelhas, borboletas, gafanhotos, moscas, etc. O Museu foi inaugurado em 1932 e desde então tem atraído a atenção de muitos pesquisadores estrangeiros. O Sr. Dias da Rocha é um homem de vida bem vivida, dedicado ao estudo da natureza e à educação do povo. Sua obra é um legado para o Ceará e para o Brasil.



Uma das salas do Museu de História Natural do Ceará, mostrando as vitrines com os espécimes de insetos.

FARMACIA FORTALEZA

(FARMACIA DA CIDADE)

RUA FLORIANO PEIXOTO, 587 — (Praça do Ferreira) e Cel. Bizozzil, 500

Tel.: "FARMACIA" — Fones: 24-76 e 52-44

GRANDE ESTOQUE DE MEDICAMENTOS NACIONAIS E ESTRANGEIROS

Fortaleza — Ceará

Tecidos por Atacado

Carlos Jereissati & Cia.

Fones: 53-22 e 35-79

TELEGRAMA "JEREISSATI"

Caixa Postal, 117

Rua Major Facundo 160-170

Fortaleza-Ceará-Brasil



O Sr. Dias da Rocha, fundador do Museu de História Natural do Ceará, em um momento de lazer.

Métodos modernos de "caçar" fantasmas na Inglaterra

Um cientista inglês, Dr. E. R. Bulmer, desenvolveu métodos modernos para capturar fantasmas na Inglaterra. Ele utiliza equipamentos sofisticados para detectar e registrar as atividades dos fantasmas.

Correspondência

Respostas às perguntas dos leitores sobre assuntos relacionados ao Museu de História Natural do Ceará.

Farmacia Santa Helena

Informações sobre a Farmacia Santa Helena e seus produtos.

Farmacia Santa Helena

Localização e detalhes da Farmacia Santa Helena.

Farmacia Santa Helena

Informações adicionais sobre a Farmacia Santa Helena.

DR. WALTER M. MAIA

Cirurgião plástico e oftalmologista, especialista em tratamentos de alta tecnologia.

HUMANITARIA

Informações sobre o estabelecimento Humanitaria.

HUMANITARIA N.º 1

Localização e detalhes da Humanitaria N.º 1.

HUMANITARIA N.º 2

Localização e detalhes da Humanitaria N.º 2.